



Twitter, Facebook, MySpace e Orkut. As redes sociais na web

Gabriela Zago

Twitter é um espaço social

Paula Sibilía

“Sociedade do espetáculo”: só é o que se vê

Sueli Fragoso

Hierarquias e verticalidades nas redes sociais da web

E mais:

>> **Antônio Braga:**
Padre Cícero: o santo dos
nordestinos pobres

César Carvalho:

“Não se pode, hoje, falar em
cultura alternativa”

Twitter, Facebook, MySpace e Orkut. As redes sociais na web

No final de março, o Facebook, segundo notícia publicada no jornal italiano *La Repubblica*, 29-03-2009, atingiu mais de 200 milhões de pessoas registradas, confirmando-se como a maior comunidade on-line do mundo. Por semana, segundo a empresa fundada pelo jovem **Mark Zuckerberg**, 24 anos, acolhe quase um milhão de novos membros. O Facebook, no entanto, enfrenta a concorrência de outras redes sociais como Twitter, sempre mais popular entre os jovens. Ele saltou de 600 usuários para 6 milhões em apenas 12 meses. No Brasil, o Orkut continua imbatível.

Entender melhor a formação de redes sociais na web, a partir do uso de ferramentas como Twitter, Facebook, MySpace e Orkut, é o tema desta edição da IHU On-Line.

Marco González, da Universidade de Harvard, as jornalistas **Gabriela Zago** e **Pollyana Ferrari**, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), e **Raquel Recuero**, da Universidade Católica de Pelotas (UCPEL), contribuem para uma melhor compreensão do fenômeno.

Por sua vez, **Sandra Portella Montardo**, professora no Centro Universitário Feevale, reflete sobre como as redes sociais da internet possibilitam a inclusão social, e **Suely Fragoso**, professora na Unisinos, acentua que as hierarquias e verticalidades persistem nas redes sociais da web. **Paula Sibilía**, docente na Universidade Federal Fluminense (UFF), assinala que essas ferramentas representam a sociedade do espetáculo.

Os livros *Viagem ao mundo alternativo: a contracultura nos anos 80*, de **César Carvalho**, e *Padre Cícero. Sociologia de um padre, antropologia de um santo*, de **Antônio Braga**, inspiram as entrevistas que completam esta edição.

A próxima edição da revista circulará no dia 4 de maio.

A todas e todos, um bom feriado, uma ótima semana e uma excelente leitura!



Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 06 | Marco González: Facebook: um meio de socialização on-line

PÁGINA 08 | Gabriela Zago: Mais do que um espaço informacional, o Twitter é um espaço social

PÁGINA 11 | Paula Sibilia: “Sociedade do espetáculo: só é o que se vê”

PÁGINA 13 | Suely Fragoso: As hierarquias e verticalidades nas redes sociais da web

PÁGINA 16 | Pollyana Ferrari: A equação público = privado é cada vez mais forte

PÁGINA 18 | Raquel Recuero: “O suporte da internet mudou o processo social”

PÁGINA 20 | Sandra Portella Montardo: “Já não se considera mais o ambiente off-line como separado do ambiente on-line”

B. Destaques da semana

» Livros da Semana

PÁGINA 23 | César Carvalho: “Não se pode, hoje, falar em cultura alternativa”

PÁGINA 26 | Antônio Braga: Padre Cícero: o santo dos nordestinos pobres

» Artigo da Semana

PÁGINA 28 | Lúcia Ribeiro: *Bonjour*, limites!

» Destaques On-Line

PÁGINA 30 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Eventos

PÁGINA 32 | Patrícia Fagundes: Liderança e gestão de grupos no IHU Ideias

» IHU Repórter

PÁGINA 34 | Robert Thieme



UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

Redes sociais na internet

O que é Facebook?

Facebook é um site de relacionamento social gratuito, criado por Mark Zuckerberg, programador e empreendedor estadunidense, ex-estudante do Harvard College. Lançado em 2004, inicialmente o Facebook era restrito apenas aos estudantes do Harvard College. Em dois meses, o site foi expandido ao Massachusetts Institute of Technology, à Boston University, ao Boston College e a todas às escolas Ivy League. Depois, ganhou dimensão mundial, possui mais de 58 milhões de usuários ativos, e é considerado o maior site de fotografia dos Estados Unidos, com mais de 60 milhões de novas fotos publicadas por semana.

Os participantes da rede social criam perfis que contêm fotos e listas de interesses pessoais, trocando mensagens privadas e públicas entre si. Os integrantes podem participar de uma ou mais redes, como um colégio ou região geográfica.

No final de março, o Facebook, segundo notícia publicada no jornal italiano *La Repubblica*, 29-03-2009, atingiu mais de 200 milhões de pessoas registradas, confirmando-se como a maior comunidade online do mundo. Por semana, segundo a empresa fundada pelo jovem Mark Zuckerberg, 24 anos, acolhe quase um milhão de novos membros. O Facebook, no entanto, enfrenta a concorrência de outras redes sociais como Twitter, sempre mais popular entre os jovens.

E Twitter?

Twitter também é uma rede social e um servidor para microblogging que permite aos usuários o envio de atualizações pessoais contendo apenas textos com menos de 140 caracteres. As mensagens são enviadas via celular (SMS), e-mail, site oficial ou programas especializados. Foi fundado em 2006, pela Obvious Corp. As atualizações são exibidas no perfil do usuário em tempo real e também enviadas a outros usuários que tenham assinado para recebê-las.



Facebook: um meio de socialização on-line

Para o pesquisador Marco González, programas como Facebook e Twitter ganham destaque porque as pessoas estão sempre buscando novas formas de socialização

POR PATRICIA FACHIN | TRADUÇÃO SANDER JEANNE

“Essas tecnologias ajudam as pessoas a gerir melhor sua vida social da mesma maneira como bancos de dados informatizados ajudam as empresas a controlar e gerir seu inventário”, diz o pesquisador estadunidense Marco González, ao comentar o sucesso de redes sociais como Twitter e Facebook. Na entrevista que segue, feita por e-mail, à **IHU On-Line**, González compara o comportamento real ao virtual, e diz que em ambas situações os sujeitos têm atitudes parecidas. “Constatamos que as pessoas são incrivelmente semelhantes a seus amigos e amigas no Facebook em termos de seus interesses culturais, sua origem, seu status socioeconômico e suas preferências políticas, para mencionar apenas algumas variáveis-chave”, assinala. Além disso, garante, essas tecnologias “proporcionam uma percepção inédita da vida pessoal e social das pessoas”.

González está cursando doutorado em Harvard, onde participa, há quatro anos, de um grupo de pesquisa que analisa o Facebook. Com o objetivo de responder a questão “como e por que as pessoas estabelecem relações umas com as outras?”, ele diz que os estudos revelam que a “semelhança cultural desempenha um papel significativo no processo de formação das amizades”. O desafio, entretanto, “é entender como e por que as pessoas definem a semelhança cultural de formas diferentes em contextos diferentes”, explica.

Marco González é doutorando do Departamento de Sociologia da Universidade de Harvard. Durante os últimos quatro anos, ele foi pesquisador colaborador no desenvolvimento e na análise de um conjunto singular de dados visando a examinar as relações entre jovens na rede social do Facebook. Seu trabalho tem sido publicado em diversos periódicos, incluindo *Social Networks* e *Canadian Journal of Sociology*. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como compreender a aceitação e receptividade das pessoas por redes sociais como Facebook, Orkut e Twitter?

Marco González - A aceitação e receptividade das pessoas para com sites de interação social não é particularmente surpreendente. Essas tecnologias ajudam as pessoas a gerir melhor sua vida social da mesma maneira como bancos de dados informatizados ajudam as empresas a controlar e gerir seu inventário. Historicamente, constatamos que as pessoas sempre estão buscando formas novas e mais eficientes de se comunicar umas com as outras, de ser mais sociáveis. Ajudando-nos a acompanhar todos os nossos amigos, tanto os de longe quanto os de perto, essas tecnologias constituem uma resposta direta a essa necessidade.

IHU On-Line - A que conclusões o senhor chegou a partir da pesquisa “*Tastes, ties and time*” (Gostos, gravatas e tempo), sobre Facebook? Qual é a peculiaridade desse site?

Marco González - Meus colegas e eu começamos a coletar os dados há uns quatro anos. Cada integrante de nossa equipe tem interesses de pesquisa específicos e aplicou os dados de formas diferentes. Alguns examinaram a razão pela qual as pessoas tendem a estabelecer relações com pessoas da mesma raça, enquanto outros examinaram a disseminação de certas formas de comportamento, como sorrir, por exemplo. Entretanto, cada um de nós está, de alguma maneira, lidando com a mesma pergunta: como e por que as pessoas estabelecem relações umas com as outras? Nossos estudos individuais sugerem, coletivamente, que

a semelhança cultural desempenha um papel significativo no processo de formação de amizades. O desafio, porém, é entender como e por que as pessoas definem a semelhança cultural de formas diferentes em contextos diferentes. Por exemplo, numa determinada situação, uma pessoa talvez se identifique com alguém com base em seu gosto musical, ao passo que em outra situação ela talvez se identifique com alguém com base em sua origem étnica. Um dos objetivos centrais de nossa pesquisa é identificar algumas dessas contingências subjacentes a esse processo.

IHU On-Line - Em que sentido o comportamento desenvolvido por pessoas na rede é parecido com o da vida real?

Marco González - Eu diria que o comportamento das pessoas na internet é

muito semelhante ao comportamento delas na vida real. Na maioria dos casos, as pessoas já são amigas ou já conhecem as pessoas com quem fazem amizade on-line. Isto sugere que as amizades virtuais representam com alguma exatidão as amizades do mundo real, e, em consequência disso, muitos dos mesmos processos que determinam as relações no mundo real se encontram na rede. As pessoas tendem a postar mensagens nas páginas do Facebook de seus amigos mais próximos do que nas páginas de seus amigos mais distantes. Isto é bem semelhante ao que ocorre na vida real, em que as pessoas tendem a telefonar ou visitar seus amigos mais próximos com mais frequência do que os mais distantes. Além disso, constatamos que as pessoas são incrivelmente semelhantes a seus amigos e amigas no Facebook em termos de seus interesses culturais, sua origem, seu status socioeconômico e suas preferências políticas, para mencionar apenas algumas variáveis-chave. Isto é muito semelhante à vida real. As pessoas tendem a interagir com aquelas que são mais parecidas com elas.

IHU On-Line - O senhor diz que características como popularidade e timidez se mantêm nos dois ambientes (real e virtual). Mas o que explica, por exemplo, o fato de um internauta ter muitos “amigos” e relacionamentos nas redes sociais e poucos contatos reais?

Marco González - Os dados sugerem que, na maioria dos casos, as pessoas já são amigas ou já conhecem as pessoas com quem fazem amizade on-line. Isto significa que as redes de relações virtuais das pessoas são representações bastante exatas de suas relações na vida real. Em consequência disso, parece que os indivíduos que têm muitos relacionamentos na internet e poucos contatos na vida real são mais raros do que a cultura popular nos quer fazer crer. Além disso, pesquisas anteriores mostram que as pessoas podem gerir com sucesso um número finito de relacionamentos em sua vida. Portanto, parece altamente improvável que uma pessoa conseguisse manter um relacionamento ativo e comunicativo com milhares de pessoas on-line. Tendo dito isso, há de fato pessoas que têm redes enormes de relacionamentos

“Eu não caracterizaria a ampla popularidade de sites de interação social como indicativo de uma revolução na comunicação. Eles são poderosos, mas é cedo demais para dizer se há de fato uma revolução acontecendo”

na internet. Acho que se nos aprofundássemos, constataríamos que essas pessoas raramente, ou nunca, se comunicam com todos os seus contatos on-line e que seus relacionamentos ativos na rede espelham muito de perto seus relacionamentos na vida real.

IHU On-Line - Qual é o impacto da realidade virtual na vida real e vice-versa? Espaços de interação social virtual podem ser vistos como uma extensão da vida real?

Marco González - Não sei se eu diria que a interação virtual é uma extensão da vida real. Eu sustentaria, antes, que a interação on-line é, frequentemente, usada para complementar a vida real. Os dados mostram que a maioria das pessoas se envolve em interações virtuais para incrementar os relacionamentos que já tem na vida real. Você poderia afirmar que a interação on-line ajuda as pessoas a manter e ampliar seus relacionamentos já existentes. Ela as aproxima mais das pessoas que já conhecem.

IHU On-Line - O senhor aponta a etnia como um fator predominante nos relacionamentos virtuais através do Facebook. Por quê? Questões raciais ganham importância no mundo virtual?

Marco González - Penso que a raça e a etnia se moldam aos relacionamentos

virtuais das pessoas na medida em que o fazem na vida real. Sabemos que a raça e a etnia têm um papel proeminente para determinar com quem as pessoas interagem no mundo real. Se as relações on-line refletem os relacionamentos das pessoas no mundo real, deveríamos esperar que a raça e a etnia tenham uma importância semelhante na definição dessas relações.

IHU On-Line - Quais são as perspectivas que o Facebook e o Twitter lançam para o universo digital?

Marco González - Tecnologias como o Facebook e o Twitter proporcionam uma percepção inédita da vida pessoal e social das pessoas. Em consequência disso, elas correm o risco de serem mal usadas e violarem a privacidade das pessoas. Ao mesmo tempo, entretanto, as informações que esses sites oferecem poderiam ser usadas para incrementar significativamente a vida e as experiências sociais das pessoas. Por exemplo, essas tecnologias poderiam ser usadas para facilitar o desenvolvimento de produtos e/ou a divulgação de ideias que constituam uma resposta direta às necessidades de populações específicas. Eu sustentaria que o Facebook, o Twitter e outras tecnologias de interação social são poderosas na medida em que proporcionam a indivíduos e grupos um meio para que outros tenham acesso a essas ideias.

IHU On-Line - É possível falar em uma revolução na comunicação e até mesmo nos relacionamentos pessoais a partir de surgimento de redes sociais como Facebook? Por quê?

Marco González - Eu não caracterizaria a ampla popularidade de sites de interação social como indicativo de uma revolução na comunicação. Eles são poderosos, mas é cedo demais para dizer se há de fato uma revolução acontecendo. Mais do que qualquer outra coisa, essas tecnologias, como outras antes delas, oferecem a oportunidade de nos conectar melhor uns com os outros e ser sociáveis. No bojo desse processo, nós ganhamos não só uma melhor compreensão das pessoas que nos cercam, mas também um novo meio para expressar nossa individualidade.

Mais do que um espaço informacional, o Twitter é um espaço social

Para a jornalista Gabriela Zago, o microblog tende a ser ferramenta complementar para obter informações e, mais do que isso, um espaço social em rede. Caráter de agilidade é conferido ao jornalismo e à circulação de informações

POR MÁRCIA JUNGES

“**A**tendência é o Twitter vir a servir como uma ferramenta complementar na obtenção de informações, como um lugar para primeiro ficar sabendo das coisas, e não como uma ferramenta para substituir outras formas de obtenção de informações. Mais do que um espaço informacional, o Twitter é também um espaço social. E esse aspecto interacional tende a prevalecer entre os usuários.” A constatação é da jornalista Gabriela Zago, na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Para a pesquisadora, além de ferramenta de microblog, o Twitter é um site de rede social: “As pessoas buscam estabelecer e manter conexões, interagir umas com as outras, e isso implica em compartilhar informações que se considera relevantes para sua rede”. Ela explica que a ferramenta dá um caráter de agilidade ao jornalismo, em função da possibilidade de “enviar e receber atualizações por dispositivos móveis”. Não existem regras especiais para seu uso jornalístico, e alguns dos usos atuais incluem cobertura de fatos e eventos, para manchetes de últimas notícias, para disponibilizar links para notícias em outros sites, para bastidores da produção jornalística, e também para interação entre jornalista ou organização jornalística com seu público.

Gabriela Zago é graduada em Comunicação Social – Jornalismo, pela Universidade Católica de Pelotas (UCPEL), e em Direito, pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). cursou mestrado em Comunicação e Informação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com a dissertação *Jornalismo em Microblogs: o Twitter como suporte para produção e difusão de conteúdos jornalísticos*. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como se dão as apropriações jornalísticas do Twitter?

Gabriela Zago - Como em toda ferramenta nova, e apesar da proposta apresentada (no caso do Twitter, a ideia inicial é que se respondesse à pergunta “O que você está fazendo?”), as pessoas, os usuários, as empresas, enfim, aqueles que se utilizam do Twitter irão procurar testar novos usos, explorar novos caminhos, buscar apropriar a ferramenta para finalidades diversas – meio que numa estratégia de tentativa e erro, a partir de experimentações. E, eventualmente, os tipos de apropriação que aos poucos vão dando certo começam a ser imitados e reproduzidos, ao ponto de servi-

rem de base e exemplo para as demais apropriações. É mais ou menos assim, também, que surgem as apropriações jornalísticas do Twitter. Não há regras específicas de como usar a ferramenta para o jornalismo, ou para informações jornalísticas (aquelas produzidas por usuários comuns não jornalistas). Então, aos poucos, alguns indivíduos e algumas empresas estão encontrando estratégias interessantes de uso da ferramenta, e servindo de exemplo para outras instituições. As apropriações atualmente mais frequentes incluem usar o Twitter para cobertura de fatos e eventos, para manchetes de últimas notícias, para disponibilizar links para notícias em outros sites,

para bastidores da produção jornalística, e também para interação entre jornalista ou organização jornalística com seu público.

IHU On-Line - O que muda no jornalismo a partir dessa ferramenta?

Gabriela Zago - O Twitter confere ao jornalismo e à circulação de informações um caráter de agilidade. Pela possibilidade de enviar e receber atualizações por dispositivos móveis (celular, PDAs¹ etc.), pode-se obter e

¹ Personal digital assistants (PDAs ou Handhelds): Assistente Pessoal Digital. Computador de dimensões reduzidas (cerca de A6), dotado de grande capacidade computacional, cumprindo as funções de agenda e sistema informático de escritório elementar, com possibilidade de

passar informações simultaneamente ao acontecimento. Além disso, o caráter de rede social da ferramenta, o fato de as pessoas também a utilizarem para interagir entre si, colabora para que as informações se espalhem mais rapidamente entre os usuários.

IHU On-Line - Que atividades jornalísticas podem ser realizadas através dela?

Gabriela Zago - As possibilidades são variadas. Pode-se usar o Twitter tanto para reportar acontecimentos (coberturas de fatos e eventos em tempo real, em doses de 140 caracteres, alerta de últimas notícias, reprodução automática de conteúdos de outras fontes – como em feeds²) como também como ferramenta complementar ao jornalismo (por exemplo, para busca de fontes, para obter informações sobre acontecimentos, para realizar breves entrevistas etc.). Também dá para se apropriar do conteúdo postado no Twitter e reuni-lo de outras formas, através de tags³ ou mashups,⁴ por exemplo.

IHU On-Line - Que veículos jornalísticos estão se baseando em microblogs como o Twitter para sua produção e difusão?

Gabriela Zago - No geral, os veículos ainda tendem a usar o Twitter mais para reprodução de conteúdos de ou-

tras fontes do que propriamente para produção de conteúdos voltados para a ferramenta. Mesmo assim, é possível perceber algumas utilizações interessantes. Um exemplo é o BreakingNewsOn (twitter.com/breakingnews), que começou como uma conta do Twitter para últimas notícias e atualmente, com mais de 150.000 seguidores, está montando um site jornalístico próprio para disponibilizar as notícias e informações que dá em primeira mão na conta do Twitter. Essa conta também sempre teve a preocupação de passar informações mais completas possíveis apesar do limite de 140 ca-

“O caráter
de rede social da
ferramenta, o fato de as
pessoas também a
utilizarem para interagir
entre si, colabora para
que as informações se
espalhem mais
rapidamente entre os
usuários”

acteres, caracterizando uma produção de conteúdo especificamente voltada para a ferramenta. Infelizmente, esse tipo de apropriação é ainda um tanto raro. No Brasil, predominam produções de feeds de jornais on-line (no estilo manchete seguido de link para a notícia completa) – esse é o caso do *G1*, do *Estadão* e da *Folha de S. Paulo*, dentre outros. Embora essa utilização direcione o usuário do Twitter para o site da publicação jornalística (é economicamente interessante para a organização jornalística usar o Twitter dessa forma, pois gera visitas), acaba-se perdendo em termos de

possibilidades de apropriação.

IHU On-Line - O Twitter vai possibilitar uma mudança de comportamento dos leitores?

Gabriela Zago - O Twitter pode vir a provocar uma mudança de comportamento dos leitores – talvez com a velocidade e a brevidade da ferramenta eles possam passar a exigir informações cada vez mais breves e objetivas, busquem obter informações mais instantaneamente, mais simultaneamente ao acontecimento. De qualquer modo, a tendência é o Twitter vir a servir como uma ferramenta complementar na obtenção de informações, como um lugar para primeiro ficar sabendo das coisas, e não como uma ferramenta para substituir outras formas de obtenção de informações. Mais do que um espaço informacional, o Twitter é também um espaço social. E esse aspecto interacional tende a prevalecer entre os usuários.

IHU On-Line - Em que medida há uma readequação de linguagem em função da brevidade exigida pelas micropostagens?

Gabriela Zago - Em termos jornalísticos, 140 caracteres podem ser insuficientes para, por exemplo, responder às clássicas perguntas do lead jornalístico (O quê, quando, onde, como, por quê). Então, de certa forma, é preciso ser ainda mais sucinto que isso, respondendo, por exemplo, apenas às perguntas que realmente sejam importantes para compreender o assunto. Uma mesma informação pode ser desdobrada em mais de uma micropostagem, mas, em geral, as pessoas esperam que a informação venha em apenas 140 caracteres e, no máximo, contenha um link para onde possa encontrar mais informações. A necessidade de readequação da linguagem se dá mais no sentido de se ter de escolher que informações passar. Não basta apenas, por exemplo, reproduzir uma manchete produzida para outro meio. O ideal poderia ser produzir chamadas que contivessem o máximo de informação possível apesar da limitação de tamanho.

interconexão com um computador pessoal e uma rede informática sem fios – wi-fi – para acesso a correio electrónico e internet. (Nota da IHU On-Line)

2 **Feed**: termo originário da língua inglesa, do verbo “alimentar”. Na Internet, este sistema também é conhecido como “RSS Feeds” (RDF Site Summary ou Really Simple Syndication). Na prática, feeds são usados para que um usuário de internet possa acompanhar os novos artigos e demais conteúdos de um site ou blog sem que precise visitar o site em si. Sempre que um novo conteúdo for publicado em determinado site, o “assinante” do feed poderá ler imediatamente. (Nota da IHU On-Line)

3 **Tag**: palavra-chave relevante ou termo associado com uma informação (pode ser uma imagem, um artigo, um vídeo) que o descreve e permite uma classificação da informação baseada em palavras-chave. (Nota da IHU On-Line)

4 **Mashups**: denominação dada ao uso conjunto de aplicativos interativos que possuem conteúdos oriundos de diversas fontes de dados externos, criando um serviço inteiramente novo. Os mashups utilizam conteúdos e funcionalidades coletados de fontes de dados diversos e alheios a sua função em si. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - O que o Twitter avança em relação aos blogs que já existem?

Gabriela Zago - A ideia básica de um blog (postagem em ordem cronológica inversa, links entre diferentes autores, facilidade de publicação por intermédio de ferramenta específica) está presente também no Twitter. Mas há outros aspectos interessantes, como a mobilidade e o caráter de rede social da ferramenta, traduzido pela possibilidade de as pessoas estarem permanentemente conectadas ao Twitter, o que adiciona velocidade à ferramenta. Há constante publicação de textos curtos e rápidos, sobre diversos assuntos. Além disso, outro diferencial em relação aos blogs é a arquitetura aberta do Twitter. A ferramenta possui a API⁵ parcialmente liberada, o que permite a criação de centenas de sites e aplicativos derivados, que podem vir a resultar em novas apropriações possíveis para o Twitter.

IHU On-Line - Que usos sociais são possíveis tomando o Twitter em consideração?

Gabriela Zago - Alguns dos usos sociais possíveis são a interação entre as pessoas (trocas de informações e conversações públicas entre os usuários), produção colaborativa de conteúdos (por exemplo, cobertura de eventos a partir da perspectiva de vários indivíduos ao mesmo tempo, reunido através de tags), ações coletivas. Em geral, as hashtags⁶ ajudam a organizar essas ações e utilizações. Além disso, a própria ideia de compartilhar informações ou comentários sobre determinados assuntos com outros usuários, e até mesmo de se responder à pergunta-título do Twitter “O que você está fazendo?”, também implica em uti-

5 API: Application Programming Interface (ou Interface de Programação de Aplicativos) é um conjunto de rotinas e padrões estabelecidos por um software para a utilização das suas funcionalidades por programas aplicativos, isto é, programas que não querem envolver-se em detalhes da implementação do *software*, mas apenas usar seus serviços. (Nota da IHU On-Line)

6 Hashtags: mensagens curtas como as do Twitter podem ser postadas incluindo um ou mais hastags, palavras ou frases prefixadas com um símbolo hash (#). (Nota da IHU On-Line)

lizações sociais, na medida em que, ao conferir publicidade a essas informações, abre-se espaço para que possam ser iniciadas conversações, ou estabelecidas novas conexões, baseadas em interesses comuns entre os usuários.

“Mais do que uma ferramenta de microblog, o Twitter é também um site de rede social. As pessoas buscam estabelecer e manter conexões, interagir umas com as outras, e isso implica em compartilhar informações que se considera relevantes para sua rede”

IHU On-Line - Quais são as plataformas de atualização do Twitter? Elas são de fácil acesso aos internautas?

Gabriela Zago - O Twitter pode ser atualizado de diversas formas. O padrão é pela web, pelo site do Twitter. Também é possível atualizar por celular (web móvel, ou por SMS). A atualização por SMS, de forma oficial, só está disponível em alguns países. Em muitos lugares, como no Brasil, há alternativas criadas por usuários a partir da API, como o sms2blog,⁷ por ferramentas derivadas criadas pela

7 Sms2blog: sistema criado pelo brasileiro Luís Leão, que permite a atualização do Twitter através de mensagens de celular com custo nacional. (Nota da IHU On-Line)

API (como TweetDeck,⁸ Twhirl,⁹ TwitterFox¹⁰ etc). A atualização pela web é a mais simples e acessível. Mesmo assim, pode-se considerar não ser de fácil acesso ao usuário brasileiro, até pelo fato de a ferramenta ainda não estar disponível em português. A barreira do idioma acaba pesando muitas vezes na questão de popularização de uma ferramenta. As demais formas de atualização dependem de conhecimentos específicos, ou de ferramentas extras, então o acesso acaba sendo menos abrangente.

IHU On-Line - A maior parte das pessoas que usa o Twitter o faz para atender a uma necessidade de informação constante, interagindo sobre temas jornalísticos, ou há um desejo de produção de conteúdos dessa natureza?

Gabriela Zago - Mais do que uma ferramenta de microblog, o Twitter é também um site de rede social. As pessoas buscam estabelecer e manter conexões, interagir umas com as outras, e isso implica em compartilhar informações que se considera relevantes para sua rede. A produção de conteúdo próprio para a ferramenta ainda é pequena — até mesmo organizações jornalísticas tendem a usar a ferramenta mais para reproduzir conteúdos de outras fontes do que propriamente para produzir algo novo. Mas há exemplos de produção de conteúdo para a ferramenta, como no caso de indivíduos que usam o Twitter para realizar coberturas de eventos, ou para comentar um determinado evento que está acompanhando por tags.

8 TweetDeck: aplicativo para o Twitter, interage com o Twitter API e permite aos usuários enviar e receber tweets e visualizar perfis. Lista separadamente as mensagens diretas, as respostas, e os posts podem ser configurados conforme interesse. (Nota da IHU On-Line)

9 Twhirl: rede social de vídeo blog que facilita o upload através de webcam. O desenvolvedor do projeto, ainda em versão alpha, é o empresário francês Loïc Le Meur. (Nota da IHU On-Line)

10 TwitterFox: é uma extensão do Firefox que notifica o usuário e seus seguidores sobre seu status no Twitter. (Nota da IHU On-Line)

“Sociedade do espetáculo: só é o que se vê”

Para a pesquisadora Paula Sibilia, a popularidade de redes sociais como Facebook, MySpace, Orkut e Twitter se justifica pelo desejo das pessoas de estarem à vista dos outros

POR PATRICIA FACHIN | FOTO DIVULGAÇÃO

Redes sociais como Facebook, Twitter e MySpace são, na opinião da professora do Departamento de Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal Fluminense (UFF) Paula Sibilia, “compatíveis com as habilidades que o mundo contemporâneo solicita de todos nós com crescente insistência”. Segundo ela, essas ferramentas servem para dois propósitos fundamentais. “Em primeiro lugar, elas ajudam a construir o próprio ‘eu’, ou seja, servem para que cada usuário se autoconstrua na visibilidade das telas. Além disso, são instrumentos úteis para que cada um possa se relacionar com os outros, usando os mesmos recursos audiovisuais e interativos”, explica.

Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Paula Sibilia reflete sobre as mudanças de comportamento da sociedade contemporânea e afirma que “mudaram as premissas a partir das quais edificamos o eu”. Na atual sociedade do espetáculo, continua, “se quisermos ‘ser alguém’, temos que exibir permanentemente aquilo que supostamente somos”. E dispara: “Esses são os valores que têm se desenvolvido intensamente nos últimos tempos, uma época na qual, por diversos motivos, se enfraqueceram as nossas crenças em tudo aquilo que não se vê, em tudo aquilo que permanece oculto.”

Paula Sibilia é graduada em Ciências da Comunicação, pela Universidade de Buenos Aires (UBA), mestre na mesma área, pela Universidade Federal Fluminense (UFF), e doutora em Saúde Coletiva, pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente, é professora no Departamento de Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal Fluminense (UFF). Entre suas obras, citamos *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais* (Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002) e *O show do eu* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008). Em 2008, ela participou do Simpósio Internacional Uma sociedade pós-humana? possibilidades e limites das nanotecnologias, realizado pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Confira a entrevista.



IHU On-Line - O que redes sociais como Facebook, Orkut, Twitter e MySpace revelam sobre a sociedade contemporânea?

Paula Sibilia - Estas novas ferramentas, que apareceram nos últimos anos e de repente se tornaram tão populares, servem para dois propósitos fundamentais. Em primeiro lugar, elas ajudam a construir o próprio “eu”, ou seja, servem para que cada usuário se autoconstrua na visibilidade das telas. Além disso, são instrumentos úteis para que cada um possa se relacionar com os outros, usando os mesmos recursos audiovisuais e interativos.

Por isso, tanto as redes sociais como Orkut, Facebook, Twitter ou MySpace como os blogs, fotologs, YouTube e ou-

tros canais desse tipo que hoje proliferam na internet são perfeitamente compatíveis com as habilidades que o mundo contemporâneo solicita de todos nós com crescente insistência. E uma dessas capacidades que tanto se estimula que desenvolvamos é, precisamente, a de “espetacularizar” a nossa personalidade. O que significa isso? Tornarmos-nos visíveis, fazer do próprio “eu” um show.

Este fenômeno responde a uma série de transformações que têm ocorrido nas últimas décadas, que envolvem um conjunto extremamente complexo de fatores econômicos, políticos e socioculturais, e que converteram o mundo em um cenário onde todos devemos nos mostrar. Se quisermos “ser

alguém”, precisamos exibir permanentemente aquilo que supostamente somos. Nos últimos anos, portanto, têm cristalizado uma série de transformações profundas nas crenças e valores em que nossos modos de vida se baseiam, e a “espetacularização do eu” faz parte dessa trama.

IHU On-Line - Que novos modelos de relações se configuram através das redes sociais? A senhora acredita que as relações ganham um novo sentido?

Paula Sibilia - Uma das manifestações dessa mutação que tem ocorrido na sociedade contemporânea é a derrubada das fronteiras que costumavam separar o âmbito privado e o espaço

público, e que constituíam um ingrediente fundamental do modo de vida moderno. Então, junto com essas mudanças que se consumaram nos últimos anos, também se reconfigurou a maneira com que nos construímos como sujeitos.

Mudaram as premissas a partir das quais edificamos o *eu*, e isso aconteceu porque também se transformaram as nossas ambições e os nossos horizontes. Portanto, não se modificaram apenas as formas de nos relacionarmos conosco, com o próprio “eu”, mas também as relações com os outros. E ferramentas como o Facebook ou o Orkut caíram como luvas nesse novo universo: são extremamente úteis para consumir essas novas metas.

Porque na atual “sociedade do espetáculo” só é o que se vê. Portanto, se algo (ou alguém) não se expõe nas telas globais, se não está à vista de todos – sob os flashes dos paparazzis ou, pelo menos, sob a lente de uma modesta webcam caseira –, então nada garante que realmente exista. Esses são os valores que têm se desenvolvido intensamente nos últimos tempos, uma época na qual, por diversos motivos, se enfraqueceram as nossas crenças em tudo aquilo que não se vê, em tudo aquilo que permanece oculto. “A beleza interior” seria um exemplo. Enquanto isso, de forma paralela e complementar, exacerbaram-se as nossas crenças no valor das imagens, na importância da visibilidade e da celebridade como fins em si mesmos, como metas autojustificáveis, às quais supõe-se que todos deveríamos aspirar.

IHU On-Line - A partir dessas redes sociais, como a senhora descreve o nosso atual modelo de vida?

Paula Sibília - Há uma necessidade de se mostrar constantemente, que se exagera por toda parte, embora não tenhamos nada muito importante para mostrar ou para dizer. Os canais interativos da Web 2.0 permitem fazer isso à vontade, facilmente e com baixos custos, de um modo ainda mais eficaz do que os meios de comunicação tradicionais. Porque essas novas ferramentas “democratizam” o acesso à fama e à visibilidade.

Mas o Orkut e o Facebook não surgiram do nada. Ao contrário, as redes sociais apareceram num terreno que já estava muito bem sedimentado para que essas práticas pudessem florescer. Nos últimos anos, temos aprendido a estar conectados o tempo todo. Utilizando as mais diversas ferramentas tecnológicas (celulares, e-mail, GPS etc.), aprendemos a estar sempre disponíveis e potencialmente em contato. Acredito que tudo isso esteja dando conta de um forte desejo de estar à vista dos outros, de sermos observados, mesmo que seja apenas para confirmar que estamos vivos. Para constatar que somos “alguém”, que existimos. Sem dúvida, entre várias outras coisas, há muita solidão e vazio por trás de tudo isto.

“Orkut e o Facebook não surgiram do nada. Ao contrário, as redes sociais apareceram num terreno que já estava muito bem sedimentado para que essas práticas pudessem florescer”

IHU On-Line - O conceito de intimidade conhecido até então é alterado a partir de programas como Facebook, Twitter, Orkut?

Paula Sibília - Neste momento, quando tantas imagens e relatos supostamente “íntimos” estão publicamente disponíveis, é evidente que a intimidade tem deixado de ser o que era. Nos velhos tempos modernos, aqueles que brilharam ao longo do século XIX e durante boa parte do XX, cada um devia resguardar sua própria privacidade de qualquer intromissão alheia. Isso não se conseguia somente graças às grossas paredes e às portas fechadas do lar, mas também mediante todos os rigores e pudores da antiga moral

burguesa.

Agora, porém, a intimidade tem se convertido em um cenário no qual todos devemos montar o espetáculo daquilo que somos. E esse *show do eu* precisa ser visível, porque se esses pequenos espetáculos intimistas se mantivessem dentro dos limites da velha privacidade – aquela que era oculta e secreta por definição – ninguém poderia vê-los e, então, correriam o risco de não existirem.

É por isso que hoje se torna tão imperiosa essa necessidade de fazer público algo que, não muito tempo atrás e por definição, supunha-se que devia permanecer protegido no silêncio do privado. Porque mudaram os modos de se construir o “eu” e mudaram também os alicerces sobre os quais se sustenta esse complexo edifício.

Por isso, se as práticas que eram habituais naqueles tempos (como o diário íntimo e a correspondência epistolar) procuravam mergulhar no mais obscuro de si mesmo para ter acesso às próprias verdades, nestes costumes novos a meta é outra e bem diferente. No Orkut ou no Facebook, é evidente que o que se persegue é a visibilidade e, em certo sentido, também a celebridade. Ambas como fins autojustificados e como metas finais, não como um meio para conseguir alguma outra coisa e nem como uma consequência de algo maior.

IHU On-Line - Que futuro a senhora vislumbra a partir dessas redes sociais na internet? A sociedade tende a mudar ainda mais seus hábitos e comportamentos?

Paula Sibília - Sobre o futuro, feliz ou infelizmente, é pouco o que posso dizer. Mas acredito que já seja possível fazer algumas avaliações sobre as implicações destas novidades.

Por um lado, estamos perdendo a possibilidade de nos refugiarmos em toda aquela bagagem da própria interioridade, que oferecia uma espécie de âncora ou um porto seguro para cada sujeito, que acolchoava seu “eu” contra as inclemências do mundo exterior e contra o inferno representado pelos outros.

Por outro lado, também é claro

que ganhamos algumas coisas: uma libertação daquela prisão “interior”, ao se esfocar essa condenação a ser “você mesmo”, aquela obrigação de permanecer fiel à interioridade oculta, densa e muitas vezes terrível que amordaçava os sujeitos modernos.

Outro problema que surge com estas novidades, no entanto, é que os tentáculos do mercado se desenvolveram de um modo que teria sido impensável algumas décadas atrás, e que hoje chegam a tocar todos os âmbitos. Agora, nos inícios do século XXI, tanto as personalidades como os corpos podem se converter em mercadorias que se compram, se alugam, se vendem e depois se jogam no lixo.

Numa sociedade tão espetacularizada como a nossa, a imagem que projeta o “eu” é o capital mais valioso que cada sujeito possui. Mas é preciso ter a habilidade necessária para administrar esse tesouro, como se fosse uma marca capaz de se destacar no competitivo mercado atual das aparências. Hoje, o espírito empresarial contamina todas as instituições e se impregna em todos os âmbitos, inclusive nos mais “íntimos” e recônditos, e o mercado oferece soluções para qualquer necessidade ou desejo. Além disso, sempre será possível (e inclusive desejável) mudar de “perfil”, atualizando as informações pessoais ou alterando suas definições para melhorar a cotação do que se é. Seja no mesmo Orkut ou Facebook, ou então migrando para um novo sistema apresentado como bem melhor do que o anterior, mais atual e dinâmico, daqueles cujo surgimento e cujo sucesso potencial não cessam de ser anunciados.

LEIA MAIS...

>> Paula Sibília já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. O material está disponível no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu).

* *Ciências da vida redefinem a condição humana*. Edição número 259, de 26-05-2008, intitulada *Nanotecnologias: possibilidades incríveis e riscos altíssimos*;

* *Show do eu: a vitrine da própria personalidade*. Edição número 283, intitulada *As Ciências Sociais, hoje. Os 50 anos do curso de Ciências Sociais da Unisinos*, publicada em 24-11-2008.

As hierarquias e verticalidades nas redes sociais da web

Para a pesquisadora Suely Fragoso, “embora possa parecer perfeitamente horizontalizada, a comunicação em sistemas de rede social também tem uma estrutura vertical, regida por centros e hierarquias”, e o modelo distributivo da comunicação nesses ambientes está em processo de compreensão

POR MÁRCIA JUNGES | FOTO DIVULGAÇÃO

A permanência de hierarquias e verticalidades nas ferramentas de redes sociais é um fato, aponta Profa. Dra. Suely Fragoso, na entrevista exclusiva que concedeu por e-mail à IHU On-Line. Segundo ela, o “novo modelo distributivo da comunicação em redes digitais implica uma alteração importante, cujos desdobramentos ainda estamos tentando compreender”. As redes sociais na web, explica, são bastante utilizadas para manter laços sociais que já existem, e bem menos para conhecer novas pessoas. “Parece que as ferramentas digitais para interação social têm sido mais utilizadas para o fortalecimento e a expansão das ‘velhas’ redes sociais do que para a criação de novas”, assinalou. De acordo com a pesquisadora, “muitas pessoas que antes não tinham interesse na internet ou na web foram atraídas para as tecnologias digitais quando perceberam seu potencial para a interação social”. Em seu ponto de vista, essa apropriação da tecnologia digital voltada para fortalecer as redes sociais é extremamente positiva, mas não é um consenso.

Suely Fragoso é professora no curso de Comunicação e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unisinos. Graduada em Arquitetura e Urbanismo, pela Universidade de São Paulo (USP), é mestre em Comunicação e Semiótica, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) e doutora em Estudos da Comunicação, pela Universidade de Leeds, Inglaterra, com a tese *Towards a Semiotic Toy: designing an interactive audio-visual artefact for playful exercise of meaning construction*. É autora de *O Espaço em Perspectiva* (Rio de Janeiro: E-Papers, 2005) e uma das organizadoras de *Comunicação na Cibercultura* (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001). Escreveu, também, artigos técnicos e vários capítulos de livros. Confira a entrevista.



IHU On-Line - É possível falar em uma revolução na comunicação a partir do surgimento de novas ferramentas como o Twitter e o Facebook? Por quê?

Suely Fragoso - A popularização da internet (nos anos 1990) aumentou exponencialmente o número de pessoas que passaram a publicizar suas ideias e, ao mesmo tempo, também

um grande aumento do número de pessoas a que as mensagens produzidas poderiam chegar, causando uma alteração importante no cenário da comunicação. Ferramentas como o Twitter e o Facebook ajudam a popularizar ainda mais a internet e, portanto, ampliam ainda mais o espectro dessa mudança. Esse é um primeiro modo em que elas afetam

o cenário comunicacional, mas elas também têm uma especificidade que é bastante importante e que implica uma guinada no processo – enquanto os websites seguem um modelo de comunicação baseado na ideia de publicação (você publica seu site e os outros podem acessar para ler/ver), o Facebook, Twitter e outros sistemas baseados em redes sociais têm um funcionamento mais horizontal, que, para diferenciar da ‘publicação’, poderia ser descrito, por exemplo, pela palavra “disseminação” (você comunica a outros que comunicam a outros e assim por diante).

Hierarquias e verticalidades

Essa descrição enfatiza a diferença entre esses três modos de distribuição, mas é preciso estar atento também para o que ela esconde, que é a permanência de hierarquias e verticalidades nas ferramentas de redes sociais. Embora possa parecer perfeitamente horizontalizada, a comunicação em sistemas de rede social também tem uma estrutura vertical, regida por centros e hierarquias. O dinamismo e a complexidade das redes sociais são decisivos para essa verticalidade, que pode ser percebida com alguma facilidade a partir do reconhecimento das diferentes quantidades de conexões estabelecidas pelos participantes desses sistemas. Algumas pessoas têm mais ligações que as outras (mais seguidores no Twitter, mais amigos no Facebook) e isso acarreta variações de seus impactos potenciais no processo de disseminação. Falo da diferença entre uma pessoa com meia dúzia de seguidores no Twitter, cujas mensagens a princípio seriam lidas por no máximo aquela meia dúzia, e outra que tem milhares de seguidores, e portanto um público potencial de milhares de leitores.

Reconhecer as limitações da horizontalidade dos processos de comunicação nos sistemas de rede social não significa, entretanto, desvalorizar suas diferenças em relação à comunicação que chamávamos de “massiva”, na qual havia pouquíssimos centros de distribuição (costuma-se dizer “um”

centro, mas na maioria dos casos seria mais preciso reconhecer a existência de “alguns” – poucos – centros produtores/emissores). O novo modelo distributivo da comunicação em redes digitais implica uma alteração importante, cujos desdobramentos ainda estamos tentando compreender.

IHU On-Line - Como essas ferramentas ajudam a alterar a concepção de subjetividade e intimidade de seus usuários?

Suely Fragoso - Em primeiro lugar, essas ferramentas são adicionadas às fontes de informação que temos sobre o mundo e sobre nós mesmos e, portanto, se integram ao amplo e com-

“Essa possibilidade de alcançar grande visibilidade impacta os sentidos do público e do privado em uma diversidade de maneiras”

plexo conjunto de fatores que afetam nossa subjetividade. Além disso, como eu já mencionei, elas permitem que um número maior de pessoas fale a um número igualmente maior de outras. Voltando ao exemplo dos dois usuários imaginários do Twitter, um com seis seguidores e o outro com milhares, é possível pensar na situação de ambos com a seguinte analogia: a pessoa que tem meia dúzia de seguidores se manifesta no Twitter como quem está na sala de sua casa, na presença de uns poucos amigos e/ou parentes. Quem tem milhares de seguidores, por outro lado, se manifesta como se estivesse diante de um auditório enorme e lotado. Ainda estamos aprendendo a lidar com essa nova escala do alcance possível das nossas vozes, mas já é bastante evidente que, ao reconfigurar nossas possibilidades de relação com

os outros, elas alteram as significações que instituímos para nós mesmos.

Essa possibilidade de alcançar grande visibilidade impacta os sentidos do público e do privado em uma diversidade de maneiras. Por exemplo, algumas pessoas recusam essa visibilidade e procuram evitar níveis de exposição que já se tornaram corriqueiros, como a divulgação de fotografias em álbuns no Orkut ou Facebook, ou comentários sobre atividades cotidianas no Twitter. Outros preferem cultivar a visibilidade e se esforçam para atrair e manter o “seu público”, por exemplo, procurando divulgar um fluxo contínuo de informações relevantes. Há aqueles que encontram na publicização de sua própria intimidade o caminho para o “sucesso”, o que não deve ser confundido com a situação, bastante diferente, de divulgação não autorizada da intimidade *alheia*. Finalmente, há os casos de exposição acidental da própria intimidade, por exemplo quando uma webcam é esquecida ligada ou quando se divulga uma informação sem dar conta de sua inconveniência para alguns públicos. Essas ações, tanto as positivas quanto as negativas, tanto as legítimas como as criminosas, não constituem novidade em si mesmas – o que é novo é a enormidade da escala em que podem agora reverberar.

IHU On-Line - O que esses comportamentos revelam sobre o jovem contemporâneo e a formação de redes sociais na web?

Suely Fragoso - Eu vejo mais similaridades que diferenças entre o comportamento dos jovens contemporâneos e o dos jovens de outros tempos. Quando se olha *através* do aparato tecnológico que sustenta as interações sociais em redes digitais, ao invés de *para* ele, percebe-se que tanto o desejo de visibilidade quanto os caminhos escolhidos para alcançá-la permanecem praticamente os mesmos. O que mudou, mais uma vez, foi o alcance dessa visibilidade e, com ele, as reverberações das estratégias utilizadas para alcançá-la.

Quanto à formação de redes sociais, há indicações de que essas ferramentas de interação social são utilizadas

com maior frequência para cultivar os laços sociais já existentes, e mais raramente para conhecer novas pessoas. Ou seja, é mais comum conversar no MSN com os colegas de escola do que com pessoas desconhecidas. Assim também, a maior parte das relações sociais nascidas da interação em redes digitais não decorre de encontros aleatórios, mas de redes sociais pré-existentes: as pessoas se aproximam em função de amizades mútuas. Em suma, parece que as ferramentas digitais para interação social têm sido mais utilizadas para o fortalecimento e a expansão das “velhas” redes sociais do que para a criação de novas.

IHU On-Line - O jornalismo tende a mudar a partir de inovações como o Twitter? Por que e em quais aspectos?

Suely Fragoso - O Twitter encontrou uma vocação para a divulgação de informações de cunho menos pessoal que potencializou sua popularização e reforçou sua utilização como veículo “em tempo real”. Nos últimos anos, com a expansão das redes sem fio, aumentou perceptivelmente a quantidade de pessoas que utilizam o Twitter para comentar palestras que estão assistindo ou congressos dos quais estão participando, por exemplo. Isso criou uma situação muito peculiar, pois a presença a um evento agora ocorre simultaneamente nos registros online e off-line: quem está fisicamente presente, mas não está conectado experimenta uma limitação que, em alguns aspectos, remete à da situação inversa, de quem acompanha o evento apenas pela internet.

Evidentemente é possível utilizar o Twitter para acompanhar e comentar acontecimentos que interessam a públicos muito mais numerosos que eventos científicos, como votações no Congresso Nacional, grandes acidentes, finais de futebol etc. As empresas midiáticas e o jornalismo institucionalizado estão muito conscientes do potencial intrínseco à expansão da popularidade do Twitter e já marcaram presença no sistema. Para além de “seguir” pessoas, acompanham-se agora também os *tweets* da *Zero Hora*, *Folha de S. Paulo*, *Deutsche Welle*,

Reuters etc. No momento, parecem predominar os usos informativos, mas os exemplos de uso em eventos científicos sugerem possibilidades para o jornalismo opinativo e para o debate.

IHU On-Line - E, quanto ao Facebook, qual é a sua perspectiva junto ao comportamento de seus usuários no que diz respeito a uma mudança de paradigma de relacionamentos?

Suely Fragoso - Facebook é um sistema de rede social como o Orkut.

“Eu vejo mais similaridades que diferenças entre o comportamento dos jovens contemporâneos e o dos jovens de outros tempos. (...) O que mudou, mais uma vez, foi o alcance dessa visibilidade e, com ele, as reverberações das estratégias utilizadas para alcançá-la”

As diferenças entre os dois existem, mas me parecem secundárias à função de registro e fomento das redes sociais pessoais, de modo que acredito que a adesão ao Facebook terá desdobramentos muito semelhantes aos do Orkut.

IHU On-Line - Em termos de exclusão digital, como essas duas ferramentas podem aprofundar ou diminuir esse processo?

Suely Fragoso - O Orkut teve um impacto enorme nas ações de inclusão digital no Brasil. O mesmo é verdadeiro para o

MSN, que é uma ferramenta de interação síncrona particularmente popular em nosso país. Muitas pessoas que antes não tinham interesse na internet ou na web foram atraídas para as tecnologias digitais quando perceberam seu potencial para a interação social. O número de pessoas que usou um computador pela primeira vez para “fazer um Orkut” é enorme e não são poucos os que buscam informações nos grupos temáticos (que o sistema chamada, inadequadamente, de “comunidades”).

Eu considero essa apropriação da tecnologia digital voltada para o fortalecimento das redes sociais extremamente positiva, mas esta é uma opinião que está longe de qualquer consenso. Nos estado de São Paulo, por exemplo, o uso de ferramentas sociais em telecentros foi proibido (pelo Decreto nº 49.914, de 14 de agosto de 2008). Isso porque o Orkut, MSN e similares são frequentemente vistos como passatempos inúteis, fúteis e, de acordo com o texto daquele decreto, até como fomentadores de criminalidade. Seriam, portanto, uso inadequado dos equipamentos disponibilizados nos telecentros, que deveriam estar servindo a outras causas, como a capacitação profissional, educação etc. Eu me pergunto se as pessoas que compreendem assim o uso das ferramentas sociais já se deram ao trabalho de visitar uma quantidade significativa de perfis do Orkut criados e mantidos por pessoas menos acostumadas às tecnologias digitais. Os ganhos de refinamento e domínio das ferramentas são perceptíveis nos registros que vão se acumulando ao longo do tempo em cada perfil, por exemplo na “photoshopagem” de fotografias, na adição de elementos encontrados em outros endereços da web, nas informações e ajuda prestadas por “amigos” do Orkut (assim como “comunidades”, “amigo” é uma palavra inadequada para descrever as conexões no Orkut). Há casos em que a própria redação das descrições e recados parece se aprimorar, talvez em decorrência do uso mais frequente da linguagem verbal escrita.

Além disso, como cabe a uma ferramenta de rede social, o Orkut é muito usado para manter contato com a família e os amigos, o que é cada vez mais importante nos tempos de

alta mobilidade geográfica em que vivemos. Para além da manutenção das redes afetivas, o sistema viabiliza a circulação de informações sobre empregos, saúde, alimentação e muitos outros assuntos, entre os que estão fisicamente próximos e também entre os mais distantes. Os benefícios dessas apropriações sociais da interação tecnológica ainda estão por ser devidamente percebidos e discutidos.

IHU On-Line - No caso específico do Orkut, o que a adesão a comunidades como “eu odeio quem odeia” demonstram a respeito da socialização, necessidade de aprovação e gostos dos internautas?

Suely Fragoso - Eu escrevi um artigo cujo título faz menção a essas comunidades “eu odeio quem odeia”, que para mim são um retrato de uma agressividade da cultura brasileira que o senso comum reiteradamente tenta negar. Registros desse tipo estão espalhados por todo o Orkut. O texto ao qual dei esse título usa como exemplo a famosa “tomada” do Orkut em 2004, um movimento violento e xenofóbico que não tinha como objetivo apenas aumentar o número de brasileiros no Orkut, mas expulsar todos os não-brasileiros (especialmente os estadunidenses, vistos como os “donos” do Orkut porque o serviço foi criado e é mantido pelo Google). Uma das muitas práticas adotadas na época consistia em entupir com mensagens em português as “comunidades” em inglês até tornar insuportável a participação para quem não entendesse a nossa língua. Bastava entrar no Orkut para encontrar “instruções” desse tipo, mas ao mesmo tempo repetia-se na mídia (e também nas universidades) que o elevado número de brasileiros no Orkut era uma prova de que somos um povo amigável, feliz, que gosta de compartilhar e conviver com os outros. Eu conheço estrangeiros que tentaram se comunicar amigavelmente em português naquela época e foram objeto de escárnio pelos seus erros de ortografia ou conjugação de verbos e me pergunto como descreveríamos quem nos tratasse do mesmo modo no Facebook ou no Twitter, por exemplo.

A equação público = privado é cada vez mais forte

Facebook, Twitter, Orkut. No ciberespaço, essas ferramentas quebraram o conceito tradicional de tempo e espaço, e as mudanças que promoverão no jornalismo são enormes e profundas. Muitas delas, diz Pollyana Ferrari, sequer “foram assimiladas pelos veículos de comunicação”

POR MÁRCIA JUNGES | FOTO RENATO FONSECA

As redes sociais que se formam na web a partir do uso de suportes tecnológicos como Facebook, Twitter e Orkut viabilizam as mudanças pelas quais o Jornalismo já passou e irá passar. Mudanças enormes, profundas, como define a jornalista Pollyana Ferrari na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**. “O fazer jornalístico virou de cabeça para baixo. Hoje, temos a utilização de diferentes elementos midiáticos computacionais em rede na produção de conteúdo noticioso, aliados à interação com o usuário, o que gera grandes desafios e oportunidades.” A respeito do hipertexto, considerado uma linguagem híbrida, a pesquisadora acentua que ele é “capaz de se revigorar a partir da dicotomia entre oralidade e escrita, tornando muito positivo este movimento de ruptura, que vários autores identificam como pós-modernidade”.

Professora na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), no departamento de Comunicação Jornalística, é graduada em Jornalismo por essa instituição. cursou mestrado e doutorado em Ciências da Comunicação na Universidade de São Paulo (USP), com a tese *A rizomática aventura da hipermídia – uma análise da narrativa no ambiente digital*. É uma das organizadoras das obras *Hipertexto, hipermídia* (São Paulo: Editora Contexto, 2007) e *Eu, mídia* (Rio de Janeiro: Opvs, 2008). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são as principais mudanças pelas quais o jornalismo já passou e irá passar por conta das novas plataformas digitais como os blogs e microblogs (Twitter)?

Pollyana Ferrari - As mudanças são enormes e profundas. Muitas ainda nem foram assimiladas pelos veículos de comunicação, mas já estão sendo viabilizadas pelas redes sociais da web. Há três anos, quem imaginaria que vídeos seriam parte de nosso cotidiano na Internet ao lado de textos? Há dez anos, quem cogitaria as câmeras digitais que nos permitem retratar, filmar, sem gasto com fil-

mes, quando tudo é registrável? Há quinze anos, quem imaginaria que e-mail ou celular seriam assim tão parte de nós? O fazer jornalístico virou de cabeça para baixo. Hoje, temos a utilização de diferentes elementos midiáticos computacionais em rede na produção de conteúdo noticioso, aliados à interação com o usuário, o que gera grandes desafios e oportunidades.

IHU On-Line - De que forma essa cibercultura retroalimenta um novo fazer jornalístico?

Pollyana Ferrari - A sociedade atu-



al move-se em torno das pessoas, das suas histórias, de seus costumes, suas experiências de vida, enfim, da informação individualizada. Naturalmente, o processo de comunicação está relacionado de modo íntimo com esse macromercado de seres humanos que precisam de informação e comunicação todos os dias, da mesma maneira que precisam do ar que respiram. É uma retroalimentação orgânica.

IHU On-Line - Qual é a característica da narrativa no ambiente digital?

Pollyana Ferrari - Devem ser narrativas jornalísticas multiformes e interativas, implicando diretamente nos formatos e gêneros jornalísticos. O jornalista precisa saber manejar e editar em plataformas que utilizem diferentes elementos midiáticos computacionais em rede (áudio, vídeo, animação), aliados à interação com o usuário. Além de levar em conta o surgimento de macro e micronarrativas locais.

IHU On-Line - Como a discussão sobre a não-obrigatoriedade do diploma de jornalismo para o exercício da profissão se conecta com a amplificação das possibilidades de seu exercício na web através de ferramentas como o Twitter e os blogs tradicionais?

Pollyana Ferrari - Acho que essa discussão no Brasil é política e empobrecida, ligada a sindicatos, o que remete a uma visão envelhecida da profissão e não se discute a práxis jornalística, nem chegamos ainda nos meios digitais, infelizmente.

IHU On-Line - Esse fenômeno demonstra que as pessoas estão cada vez mais sequiosas de informação enquanto consumidoras, ou que querem ser elas mesmas as produtoras dessa informação?

Pollyana Ferrari - Acho que temos um misto dos dois mundos. Nunca se consumiu tanta informação, mas também temos os consumidores gerando muita informação. Do nosso lado, temos de ter todos os cuidados inerentes à profissão: checar muito bem a notícia, ouvir os dois lados e fazer o *copydesk* correto: tarefas que independem se a publicação é impressa ou on-line.

Fora isso, o repórter precisa pensar no áudio, vídeo e fotos, o que no meio tradicional é feito por outros profissionais.

IHU On-Line - De que maneira o hipertexto se relaciona com a multiplicidade e fragmentação características de nossa sociedade contemporânea?

Pollyana Ferrari - Considerado uma linguagem híbrida, o hipertexto é capaz de se revigorar a partir da dicotomia entre oralidade e escrita, tornando muito positivo este movimento de ruptura, que vários autores identificam como pós-modernidade.

IHU On-Line - Ferramentas como o YouTube, Facebook e Orkut apontam para quais tendências a respeito da subjetividade e intimidade do sujeito? Em que medida tais recursos promovem a interação de redes sociais?

Pollyana Ferrari - Vou dar um exem-

“O fazer jornalístico virou de cabeça para baixo”

plo que demonstra bem essa intimidade midiática e ao mesmo tempo uma exposição para o mundo. Mariana Santarém, 18 anos, estudante de Jornalismo da PUC-SP, não sai do Twitter. Ela (<http://twitter.com/viiiixxen>) discute suas impressões sobre o mundo e também dá dicas de maquiagem e links para o seu próprio canal no YouTube (<http://www.youtube.com/user/viiiixxen>), endereço que contabilizou 49.802 visitas até março de 2009. A equação público = privado se fortalece cada vez mais. *Viiiixxen* é conhecida no ciberespaço e isso a tornou garota propaganda do Boticário. A rapidez dessas ferramentas já ultrapassou o tempo euclidiano.

IHU On-Line - Que limites e possibilidades de sociabilidades vislumbramos a partir dessas tecnologias?

Pollyana Ferrari - Possibilidades mil. O Facebook, por exemplo, atingiu

200 milhões de usuários, enquanto o Twitter saltou de 600 usuários para 6 milhões em apenas 12 meses. O Brasil tem 41,3 milhões de telefones fixos e 151,9 milhões de móveis. Só vejo compartilhamento em escala ascendente.

IHU On-Line - É possível dizer que o espaço e o tempo merecem ser re-discutidos e novamente conceitualizados após a experiência dessas redes sociais? Por quê?

Pollyana Ferrari - No meu livro *Hipertexto, hipermídia*, digo que nos deslocamos do espaço euclidiano, como nos dizia McLuhan,¹ aflorando geometrias não-euclidianas nas redes sociais, já que a ambiência da cibercultura nos supre de sensações capazes de gerar um olhar distante (de fora) sob as diversas formas de leitura e interpretação visual de conteúdos colaborativos. O espaço tornou-se um rizoma, repleto de ramificações. A gente não percebe isso no dia-a-dia, mas o suporte não importa mais, o *hardware* não importa mais. Se usarmos um computador pessoal, notebook, celular, ir a *lan house* ou acessar o e-mail de uma geladeira inteligente, o importante é ter a informação ao alcance das mãos, onde você precisa, na hora em que precisa.

IHU On-Line - Até que ponto ferramentas como o Twitter se prestarão ao exacerbamento de informações, dando notícias que não são relevantes ao público leitor?

Pollyana Ferrari - Acredito que agora o leitor faz esse filtro, já que tem papel ativo no fluxo informacional. Nós que selecionamos o joio do trigo. Vou dar dois exemplos pessoais que mostram isso: eu seguia o *G1* e o *New York Times*, mas ao perceber que as notícias entravam aos montes (automaticamente) e sem edição e critério, apenas uma ferramenta de replicagem das *home-pages*, parei de seguir.

¹ Herbert Marshall McLuhan (1911-1980): sociólogo canadense. Fez, em suas obras, uma crítica global de nossa cultura, apontando o fim da era do livro, com o domínio da comunicação audiovisual. Seus principais livros são *A galáxia de Gutenberg* (1962) e *O meio é a mensagem* (1967). (Nota da *IHU On-Line*)

“O suporte da internet mudou o processo social”

Para Raquel Recuero, os sistemas informáticos geram o afastamento entre as pessoas, ao mesmo tempo em que aumentam a confiança para expor a intimidade, além de proporcionarem o anonimato

POR PATRICIA FACHIN | FOTO DIVULGAÇÃO

Muito além de proporcionar a interação com pessoas do outro lado do mundo, redes sociais na internet como Facebook e Orkut buscam a socialização on-line com pessoas que dividem o mesmo território. “As pessoas procuram sim pelos vizinhos, ou seja, por pessoas que tenham a chance de conhecer pessoalmente”, assegura Raquel Recuero, professora do curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. Para ela, a “internet apenas possibilitou um espaço a mais de conversação, complexificando as conexões sociais”. Sites de redes sociais, explica, “proporcionaram um espaço onde é possível ‘mostrar’ as conexões sociais, criando novos valores e novas formas de reputação”.

Na medida em que a acessibilidade à internet ganhar novas propulsões, a tendência, segundo a pesquisadora, “é que as pessoas comecem a usar mais as ferramentas móveis para acessar esses sites de redes sociais e que mais informações comecem a circular na rede”. Nesse novo cenário, surge um “espaço interessante para a função informativa das redes sociais”, na medida em que há “maior necessidade de filtrar as informações”, completa.

Raquel Recuero é graduada em Jornalismo, pela UCPel, e Direito, pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Dedicada a pesquisas sobre redes sociais e comunidades virtuais na internet, conversação e fluxos de informação e capital social no ciberespaço e jornalismo digital, Raquel Recuero cursou mestrado e doutorado em Comunicação e Informação, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente, é professora e pesquisadora dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e do Programa de Pós-Graduação em Letras, com concentração em Linguística Aplicada, da UCPel. Ela também mantém a página eletrônica Social Media, <http://pontomidia.com.br/raquel/#>. Confira a entrevista.



IHU On-Line - Que modelo de sociedade surge a partir das redes sociais de interação como o Facebook? Que novas formas sociais de grupos e comunidades são estabelecidas através das redes sociais?

Raquel Recuero - Há uma mudança da questão local para o foco no interesse. Na internet, é possível encontrar pessoas que dividem os mesmos interesses que você, mesmo que não morem próximas. No entanto, vejo que a questão do território é muito importante e influente na socialização on-line. As pessoas procuram sim pelos vizinhos, ou seja, por pessoas que tenham a chance de conhecer pessoalmente. Assim, acho que a in-

ternet apenas possibilitou um espaço a mais de conversação, complexificando as conexões sociais, mas não exatamente mudando tudo. Sites de redes sociais, por exemplo, proporcionaram um espaço onde é possível “mostrar” as conexões sociais, criando novos valores e novas formas de reputação, mas não aumentaram o número de amigos “de verdade” que os indivíduos possuem.

IHU On-Line - Em que sentido as redes sociais na internet modificaram o modo das pessoas se comunicarem?

Raquel Recuero - Acredito que, na internet, os sistemas informáticos

permitiram dois elementos diferentes para as relações sociais: primeiramente, geram um afastamento entre as pessoas que, muitas vezes, não se veem, o que aumenta a confiança para expor a intimidade. Segundo, proporcionam o anonimato, que permite que, quando mal-sucedidas, as pessoas possam retornar com um novo nickname. Assim, o suporte da internet mudou o processo social, podendo-se estabelecer laços sociais sem conhecer presencialmente o outro.

IHU On-Line - Em que medida as redes sociais na internet mudaram o sentido do que entendemos por intimidade?

Raquel Recuero - Os sites de redes sociais proporcionaram uma maior exposição do indivíduo. É preciso se “construir”, passar determinadas impressões para os demais. Como há um maior controle nessas impressões que se quer dar do que no mundo off-line, as pessoas tendem a expor um pouco mais de si. Mas isso varia bastante de cultura para cultura. O que é considerado normal no Brasil, por exemplo, pode ser considerado uma superexposição na Índia. Assim, as pessoas escolhem grupos para entrar e colocam elementos nos perfis para dar uma determinada impressão aos demais, mostrando menos quem são e mais como querem que os outros as vejam.

Para mim, parece que o maior risco para a privacidade está nos “rastros” que são deixados pelos atores enquanto utilizam essas redes e enquanto expõem questões pessoais na internet. Pouca gente percebe que há um caráter de permanência nessas interações, que poderão ficar na rede por muito tempo. Mas, de certa forma, parece-me que há uma maior conscientização desse poder e que as pessoas estão um pouco mais preocupadas com as questões da privacidade.

IHU On-Line - A senhora, como outros pesquisadores e internautas, constata que o Facebook não fez tanto sucesso no Brasil, diferente de outros sites de relacionamentos como o Orkut. Qual é a explicação para isso?

Raquel Recuero - O Orkut chegou antes. Foi o primeiro site de rede social que chegou ao Brasil e se espalhou. Como tinha uma interface simples, mostrava as conexões dos demais usuários (um dos maiores valores do sistema), passou a ser apropriado aqui. Na época, apenas o Friendster¹ era (pouco) conhecido no Brasil e, mesmo assim, era um sistema mais difícil de usar que o Orkut. O Facebook, que aqui chegou bem depois (e

¹ Friendster: site de rede social virtual, fundado em 2002 por Jonathan Abrams em Mountain View, Califórnia e foi o site pioneiro no gênero, que tem como exemplos mais famosos o hi5, Orkut e o MySpace. (Nota da IHU On-Line)

há pouco tempo com uma versão em português), não trouxe nada novo e, com isso, acabou menos adotado que o Orkut.

IHU On-Line - Que atrativos compõem as redes sociais, porque há tantos adeptos desses ambientes virtuais?

Raquel Recuero - Não sei se podemos falar em “atrativos”. Acho que a Internet tem uma função social muito forte devido a sua própria interatividade enquanto ferramenta.

“As pessoas escolhem grupos para entrar e colocam elementos nos perfis para dar uma determinada impressão aos demais, mostrando menos quem são e mais como querem que os outros as vejam”

IHU On-Line - Com a introdução do Facebook e do Twitter e maior acessibilidade da internet, que mudanças de hábito de navegação a senhora vislumbra para o futuro?

Raquel Recuero - A mobilidade das comunicações via internet parece ser um ponto interessante. A tendência, parece-me, é que as pessoas comecem a usar mais as ferramentas móveis para acessar esses sites de redes sociais e que mais informações comecem a circular na rede. Com mais informações circulando, há mais ruído, e maior necessidade de filtrar as informações. Então, acho que há um espaço interessante para a função informativa das redes sociais. Mas também me parece que os aspectos sociais serão igualmente ressaltados,

com mais informações pessoais a respeito dos indivíduos circulando por aí. Talvez, com isso, as pessoas tornem-se mais cuidadosas e mais privadas.

IHU On-Line - Até que ponto ferramentas como o Twitter se prestarão ao exacerbamento de informações, dando notícias que não são relevantes ao público leitor?

Raquel Recuero - Há um limite, claro. O Twitter só se torna relevante se as pessoas o utilizarem para dar informações relevantes. Isso está acontecendo com sua adoção por redações de jornal e jornalistas, *experts* em determinados assuntos. Se as pessoas pararem de usar o Twitter deste modo, a apropriação deixa de ser relevante. A questão da relevância é dada pela dinâmica de seguidores/seguidos. Assim, a própria rede atua como filtro, auxiliando os indivíduos a ter acesso àquilo que é considerado importante. É isso que acontece hoje, mas, com uma adoção maior, esse uso pode mudar.

IHU On-Line - A senhora pode nos explicar por que razões redes de relacionamento como o Orkut podem cair no ostracismo? Isso também tende a acontecer com o Facebook?

Raquel Recuero - Principalmente pelo fato de deixarem de ter valor para os grupos que as utilizam. Por exemplo, no início, as comunidades do Orkut eram bastante usadas para interação e discussão. No entanto, com a popularização da ferramenta, o surgimento de spam e problemas do gênero acabou matando boa parte desses grupos. Isso aconteceu porque ficou muito difícil acompanhar as comunidades quando tanto spam e tanta propaganda aparecia no meio das mensagens que eram realmente úteis. Então, o custo de acompanhar uma comunidade ficou muito alto e várias caíram no ostracismo. Esse é um dos problemas que pode acontecer com qualquer ferramenta. Além disso, quando a ferramenta vai sendo apropriada por outros grupos, seu sentido vai sendo reconstruído e novos usos vão surgir e substituir usos antigos.

“Já não se considera mais o ambiente off-line como separado do ambiente on-line”

Para a pesquisadora Sandra Portella Montardo, as redes sociais da internet possibilitam a inclusão social, o que garante entre os participantes um amparo assistencial que se “reverte na qualidade de vida de todos os envolvidos”

POR PATRICIA FACHIN

Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, a professora do Centro Universitário Feevale Sandra Portella Montardo diz que a popularidade de redes sociais de relacionamento, como Facebook, Twitter e Orkut, está relacionada, entre outras coisas, ao “crescimento do uso da banda larga no país”. “De acordo com dados levantados pelo Ibope Nielsen em fevereiro de 2009, o acesso à banda larga aumentou 24% em um ano e atinge 87% dos usuários no país, o que facilita a experiência de navegação”, aponta. Para a pesquisadora, vivemos um momento em que é difícil separar o ambiente on-line do off-line, assim, assegura, relacionamentos estabelecidos na internet “podem favorecer as pessoas conforme seus interesses no uso das ferramentas de socialização, dentro e fora da web”.

Integrante da pesquisa “Inclusão social via socialização online de pessoas com necessidades especiais”, Sandra Portella Montardo percebe a internet como meio potencializador das relações sociais. Ao comentar a socialização de pessoas que participam de redes sociais sobre Síndrome de Asperger e Síndrome de Down, a pesquisadora diz que, “apesar de particularidades observadas em cada rede, seja pelo tema em si, seja pelas possibilidades de socialização permitidas pelas ferramentas on-line”, “há uma troca de informações sobre as necessidades especiais em questão (tratamentos, educação, dietas específicas) e de experiências em relação a elas”.

Sandra Portella Montardo é mestre em Inclusão Social e Acessibilidade e doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Fez estágio de doutorado na Université René Descartes, Paris V, Sorbonne, em Paris. No Centro Universitário Feevale, onde é docente do curso de Publicidade e Propaganda, participa também da Comissão de Avaliação da Feira de Iniciação Científica. Além disso, faz parte do Conselho Científico Deliberativo da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura (ABCiber). Confira a entrevista.

IHU On-Line - De que maneira as redes sociais servem como ambientes socializadores para determinados grupos sociais?

Sandra Portella Montardo - Conforme conceitua Raquel Recuero¹ (2009), redes sociais são pessoas em interação. Essas redes podem se configurar tanto no ambiente off-line quanto no ambiente on-line. Na web, verifica-se a constituição de redes sociais, ou seja, de nós (pessoas, empresas, governos etc.) conectados por links, em vários suportes:

¹ Confira nesta edição a entrevista concedida por Raquel Recuero: “O suporte da internet mudou o processo social”. (Nota da IHU On-Line)

sites de relacionamento, blogs, microblogs, comunicadores instantâneos entre outros. A partir de suportes desses tipos, as pessoas entram em comunicação com as outras pelos mais diversos motivos (pessoais, educacionais, profissionais, mercadológicos, políticos, informacionais etc.). Pode-se dizer que os diferentes motivos têm em comum a questão da socialização, de trocas entre as pessoas, potencializadas por estas ferramentas.

IHU On-Line - Por que as pessoas participam com tanto entusiasmo de redes sociais como Facebook e

Twitter?

Sandra Portella Montardo - Creio que a popularidade dessas ferramentas on-line vem sendo beneficiada pela facilidade de uso das mesmas e pelo crescimento do uso da banda larga no país. De acordo com dados levantados pelo Ibope Nielsen em fevereiro de 2009, o acesso à banda larga aumentou 24% em um ano e atinge 87% dos usuários no país, o que facilita a experiência de navegação. Já não se considera mais o ambiente off-line como separado do ambiente on-line. Assim, relacionamentos que se estabeleçam na web podem favorecer as pessoas confor-

me seus interesses no uso das ferramentas de socialização, dentro e fora da web.

IHU On-Line - O que as redes sociais como Facebook e Twitter revelam sobre o jovem contemporâneo e sua formação de redes sociais na web?

Sandra Portella Montardo - Sites de relacionamento em geral revelam que o mundo do jovem pode ser cada vez mais organizado, disponibilizado e acessado conforme seus interesses. Seja pelo fato de que essas ferramentas permitem que o jovem se mostre de acordo com seus gostos pessoais, através da expressão de suas preferências (entretenimento, informações, lazer), seja porque elas potencializam o acesso a pessoas que tenham interesses semelhantes aos seus, por meio de ferramentas de busca e do compartilhamento de conteúdos.

IHU On-Line - Que futuro a senhora vislumbra para a internet a partir da adesão das redes sociais? O modo de comunicação na rede tende a mudar?

Sandra Portella Montardo - A constituição de redes sociais na web já é uma realidade. As ferramentas que permitem a constituição e a manutenção dessas redes muitas vezes têm finalidades diferentes e são apropriadas de maneiras bem particulares por diversas culturas. Frequentemente, uma rede é constituída com base em várias dessas ferramentas, em torno de interesses em comum. Acredito que a maior mudança nos modos de comunicação é que um número bem maior de pessoas têm a possibilidade de se expressar sobre qualquer assunto de modo público na web, por meio da geração de conteúdo em formatos variados (texto, imagens, fotos, vídeos etc.), o que antes só era possível para poucos profissionais, com o intermédio dos meios de comunicação de massa (jornais, revistas, televisão e rádio, por exemplo).

IHU On-Line - A senhora realizou uma pesquisa sobre a socialização on-line de pessoas com necessidades espe-

ciais. Em que sentido a interatividade através das redes sociais garante a inclusão social real?

Sandra Portella Montardo - Meu grupo de pesquisa entende a inclusão como promoção de autonomia em busca de qualidade de vida em um sentido amplo. Também entendemos que todos nós estamos, ao mesmo tempo, incluídos sob alguns aspectos, e excluídos sob outros. Por isso, falamos em inclusão como um processo que é permanente embora não constante. Até então, mapeamos e

“A constituição de redes sociais na web já é uma realidade. As ferramentas que permitem a constituição e a manutenção dessas redes muitas vezes têm finalidades diferentes e são apropriadas de maneiras bem particulares por diversas culturas”

analisamos a estrutura de redes sociais sobre Autismo e Síndrome de Asperger² (em blogs), sobre Síndrome de Down (em fotologs) e sobre deficiência auditiva (em blogs). As duas primeiras redes eram mantidas pelos pais das crianças e a terceira, pelos próprios deficientes auditivos e por profissionais interessados na temática. Apesar de particularida-

² Síndrome de Asperger: síndrome do espectro autista, diferenciando-se do autismo clássico por não comportar nenhum atraso ou retardo global no desenvolvimento cognitivo ou da linguagem do indivíduo. (Nota da IHU On-Line)

des observadas em cada rede, seja pelo tema em si, seja pelas possibilidades de socialização permitidas pelas ferramentas on-line, notamos que em todos os casos há uma troca de informações sobre as necessidades especiais em questão (tratamentos, educação, dietas específicas) e de experiências em relação a elas. Por meio de questionários, verificamos que as pessoas que compõem essas redes se sentem amparadas em vários sentidos pelas outras, e isso, com certeza, reverte na qualidade de vida de todos os envolvidos.

IHU On-Line - Que novos modelos de relações se configuram através das redes sociais? A senhora acredita que as relações ganham um novo sentido?

Sandra Portella Montardo - Acredito que as redes sociais na internet possibilitam alcance nas relações tanto no tempo quanto no espaço. É possível, por exemplo, mantermos relações com pessoas geograficamente distantes durante algum tempo praticamente sem custos. Mesmo quando ficamos muito tempo sem contato presencial, as trocas sociais estabelecidas pela web garantem um certo tipo de proximidade em torno de interesses comuns que dificilmente seria possível de outra forma e com a mesma intensidade.

IHU On-Line - Que fatores explicam a procura por redes sociais? As pessoas se sentem sozinhas no mundo real ou apenas buscam, através de programas como Twitter, Facebook, interajam com seus pares?

Sandra Portella Montardo - A internet potencializa as relações sociais e não as inibe. Com certeza, conseguimos manter mais relações, formais e informais com a internet do que sem ela. Aliás, muitas vezes é por meio dessas ferramentas que agendamos encontros presenciais com as pessoas. Pessoas que limitam sua socialização à interações on-line e que, devido a isso, enfrentem problemas, devem ser consideradas em termos de questões individuais e não como uma generalização em torno do uso dessas ferramentas.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Livros da Semana

CARVALHO, César. *Viagem ao mundo alternativo: a contracultura nos anos 80*. São Paulo: UNESP, 2008.
BRAGA, Antônio. *Padre Cícero. Sociologia de um padre, antropologia de um santo*. Bauru: Edusc, 2008.

“Não se pode, hoje, falar em cultura alternativa”

César Carvalho analisa contracultura como categoria para repensar a produção do conhecimento científico. Hoje a contracultura é impossível, pondera, já que o mundo contemporâneo se converteu num sistema único autofágico

POR MÁRCIA JUNGES

Uma pergunta fez o sociólogo e historiador César Carvalho viajar 16 mil km numa moto, visitando e conversando com o pessoal alternativo: “Se esse pessoal busca um novo estilo de vida, baseado numa percepção de mundo que não é só a lógica instituída, então, talvez, posso encontrar junto a eles as respostas que pretendo para repensar a produção do conhecimento científico?”. A resposta, dada na pesquisa a campo que realizou, é a sua tese de doutorado *Viagem ao mundo alternativo: a contracultura nos anos 80* (São Paulo: UNESP, 2008). O lançamento, ocorrido em 30 de março, aconteceu na Livraria da Vila, na Vila Madalena, em São Paulo. De acordo com sua tese, é difícil falarmos em uma contracultura no século XXI, pois esta pressupõe brechas não institucionalizadas da sociedade, quando é possível viver à margem do sistema. Como “o mundo contemporâneo tornou-se praticamente um sistema único, um sistema aberto que se autodevora de forma ininterrupta e se desenvolve com base nesta autofagia – todas as diferenças, estranhamentos, idiosincrasias são facilmente absorvidas e integradas à dinâmica desse sistema –, a própria ideia de contracultura torna-se inviável”.

Carvalho, que atualmente leciona na Universidade Estadual de Londrina, no departamento de Ciências Sociais, é autor de outros livros, como *Por um Brasil contemporâneo – Arte & política* (Marília: FEFCSD/UNESP, 1982), *Lavras de cultura* (Marília: FEFCSD/UNESP, 1982) e *Popnaroma* (Marília: FEFCSD/UNESP, 1983). Graduado em Ciências Políticas e Sociais, pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPS), é mestre em Sociologia, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e doutor em História, pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Confira a entrevista que fizemos por e-mail.

IHU On-Line - Quais são as diferenças entre a contracultura dos anos 1960, 1970 e 1980?

César Carvalho - Eu faço a seguinte distinção entre a contracultura destas três décadas: anos 60, hedonismo e pacifismo; anos 70, afirmação hedonista dos novos valores e anos 80, ecologia.

A primeira, uma herança direta da geração *beat*, é marcada pelo hedonismo e pelo pacifismo – momento bastante influenciado pela Guerra do Vietnã. O movimento é mais signifi-

cativo nos Estados Unidos, devido às circunstâncias históricas e conjunturais que o país vivia, caracterizando a contracultura, de fato, como movimento social. Aliado às manifestações de paz, sintetizada no slogan “paz e amor”, os jovens recusam o estilo de vida dominante, buscam novas experiências e assumem o caráter hedonista do viver a vida. No Brasil, limitou-se ao campo das artes, música e poesia.

A segunda, os anos 1970, sintetizada pela frase de John Lennon,¹ “o sonho

¹ John Lennon (1940-1980): foi um músico

acabou”, é um período marcado basicamente pelas atitudes comportamentais, religiosas e hedonistas. No Brasil, época de ditadura militar bastante inflexível, assumiu aos olhos dos críticos uma característica de “geração perdida”, porque seus militantes recusavam-se, em sua maioria, a participar da vida política, o que vale dizer, para a época, assumir a vida alienada. Todavia, foi a

britânico, compositor, escritor e ativista em favor da paz. É considerado um ícone do século XX. Ganhou notoriedade mundial como um dos integrantes do grupo de rock britânico The Beatles. (Nota da IHU On-Line)

década marcante para a contracultura brasileira porque, ao contrário da década anterior, eram em maior número; praticavam em sua vida cotidiana os valores que pregavam – liberdade sexual, religiosa, comportamental e assumiam, como positividade, a alienação política. Tanto nos anos 1960 quanto nos 1970, a ideia marcusiana de Grande Recusa se fazia valer. Nestas duas décadas, o movimento contracultural apresentava proposta clara de recusar o sistema social.

Finalmente, nos anos 80, uma mudança importante na diretriz do movimento contracultural: não se trata mais de recusar o sistema, mas de propor-lhe alternativas de sobrevivência diante das catástrofes ecológicas que começam a manifestar-se de forma indiscutível. A proposta, então, é buscar alternativas de vida que possam de alguma maneira, contribuir para a sobrevivência do planeta. Note-se que, nesta década, a defesa ecológica que se faz presente desde os primórdios do movimento contracultural ganha importância e passa a ser uma das diretrizes fundamentais, orientando inclusive seus militantes à formação das chamadas comunidades alternativas e à prática de uma vida saudável: alimentação e medicina natural. Nesta década, a Grande Recusa desaparece da pauta para ceder lugar à negociação com o sistema. A influência da contracultura e a prática cotidiana de seus militantes junto aos poderes públicos gera intervenções ligadas, principalmente, à preservação ambiental, medicina natural, homeopatia.

IHU On-Line - De que forma essa contracultura se solidificava como um posicionamento político divergente do *status quo*?

César Carvalho - Não é possível generalizar um posicionamento político em relação à contracultura. Constante no ideário contracultural é a pouca importância dada à vida política institucional. Parte-se sempre do princípio que a mudança social passa, antes, pela mudança da consciência individual. Isto não significa, contudo, que a prática política está proibida. Nem no Brasil, nem nos Estados Unidos ou em qualquer outro país que a contracultura tornou-se um movimento digno deste nome há qualquer interdição à prática política.

Um exemplo norte-americano dos anos 1960, Timothy Leary,² um dos principais defensores do uso do ácido lisérgico, LSD, como expansor da consciência, acreditava que se conseguisse eleger-se governador da Califórnia poderia implementar políticas para difundir o uso da droga. Candidatou-se, ganhou apoio de inúmeros setores sociais californianos, mas não ganhou as eleições.

“É difícil concordar com a ideia de uma contracultura no século XXI. O movimento contracultural foi possível enquanto o sistema social ainda apresentava brechas não institucionalizadas”

Primórdios do Partido Verde

No Brasil, muitos dos militantes contraculturais alternativos desenvolveram atividades políticas em seus municípios, candidataram-se a cargos eletivos, vereadores, prefeitos, deputados e muitos trabalharam junto a órgãos governamentais para implementar políticas de preservações ambientais. Muitos destes militantes ajudaram, inclusive, a formar o Partido Verde.

Para sintetizar a resposta, pode-se dizer que qualquer atividade é válida, desde que a consciência do militante esteja em paz com seus propósitos, mesmo porque não há um programa de ação muito claro. O que existia era uma série de valores, um universo simbólico, que servia como diretriz para cada um dos interessados, enquanto

² Timothy Francis Leary (1920-1996): escritor americano, psicólogo e militante das drogas. Ficou famoso como um proponente dos benefícios terapêuticos e espirituais do LSD. (Nota da IHU On-Line)

indivíduos, não enquanto membros de um grupo social ou qualquer outra agremiação.

IHU On-Line - Que tipo de contracultura existe na sociedade do século XXI? Como definiria essa contracultura?

César Carvalho - É difícil concordar com a ideia de uma contracultura no século XXI. O movimento contracultural foi possível enquanto o sistema social ainda apresentava brechas não institucionalizadas. Então, era possível viver à margem do sistema, buscar alternativas de vida a esse mesmo sistema e professar valores não combatíveis com tal sistema.

A partir do momento que o mundo contemporâneo tornou-se praticamente um sistema único, um sistema aberto que se autodevora de forma ininterrupta e se desenvolve com base nesta autofagia – todas as diferenças, estranhamentos, idiosincrasias são facilmente absorvidas e integradas à dinâmica desse sistema –, a própria ideia de contracultura torna-se inviável. Isso me a responder à sua próxima pergunta.

IHU On-Line - Fala-se do fim das utopias, sobretudo após o colapso do socialismo. Nesse aspecto, como a contracultura segue fomentando a dissidência, o sonho, a alternativa de um mundo diferente, fora do padrão?

César Carvalho - Realmente, depois do colapso do socialismo o “fim das utopias” ficou bastante evidenciado. Mas, independente do colapso socialista, é a própria dinâmica do mundo contemporâneo que nos coloca a impossibilidade de qualquer utopia. Viver o presente, uma das ideias comuns ao ideário contracultural, tornou-se hoje uma realidade cotidiana. As sociabilidades que se constroem neste mundo líquido – para usar uma terminologia cara a Z. Baumann – se constroem à revelia dos sujeitos históricos, centrados na atualização do presente. O passado já foi, o futuro ainda não é, o que conta é o aqui e agora, o presente. Claro, muitos consideram esta faceta pós-moderna de nossa realidade uma tragédia exatamente porque ela dilui os sonhos românticos da construção de

uma sociedade futura. Esta sociedade não existe, este sonho é quimérico. O que existe são as escolhas que se faz no dia-a-dia e, estas sim, é que constroem nossas sociabilidades e, em termos gerais, nossa sociedade global.

E, para falar em termos históricos, a sociedade contemporânea deve muito de seus valores, hoje institucionalizados, ao ideário contracultural. À medida que esse ideário institucionalizou-se, tornou moeda corrente, ele passou a constituir também os valores que norteiam o dia-a-dia de nossas ações. Assim, falar hoje, por exemplo, entre união de cônjuges do mesmo sexo já não causa nenhum constrangimento, exceto entre alguns setores mais conservadores e religiosos. No grosso da sociedade, é uma ideia aceita. Ora, o homossexualismo, liberdade sexual e constituição de famílias não convencionais foram ideias postas e praticadas pelos movimentos contraculturais.

IHU On-Line - Quais são as principais manifestações da contracultura que identificou em sua pesquisa?

César Carvalho - Eu diria que a principal manifestação da contracultura identificada por minha pesquisa foi a descoberta de um pensamento mítico. Explico. Os jovens contraculturais nos anos 1980, também conhecidos como alternativos, foram para regiões muito distantes, de difícil acesso, com a ideia de construir comunidades. Nelas, deveriam aprender a cultivar produtos orgânicos, estabelecer redes harmoniosas de relacionamentos e trabalhar em prol da preservação ambiental. As comunidades revelaram-se experiências fracassadas. Saídos de uma vida urbana, sem nenhuma prática rural, sofreram os revezes de uma vida árdua, rural. Muitos voltaram para as cidades, mas os que ficaram descobriram outras alternativas de vida, bastante diferente daquelas que buscavam. Nesta experiência, o que eles aprenderam foi que a vida tem sentido, um sentido sagrado, mítico. E é esta recuperação do pensamento mítico que tornou a contracultura um movimento muito importante. Muitas destas experiências ainda continuam

sendo feitas Brasil afora. Talvez, pelas novas condições históricas nas quais vivemos, elas sejam experiências pouco significativas. Mas, se elas têm ainda alguma importância, é exatamente este resgate mítico do pensamento: viver vale a pena, e faz sentido! Redescobrir, assim, o aspecto sagrado da vida de cada um, esta é a principal manifestação que encontrei na pesquisa e também a que impregnou boa parte da sociedade contemporânea.

“A sociedade contemporânea deve muito de seus valores, hoje institucionalizados, ao ideário contracultural”

IHU On-Line - Diria que os meios de comunicação de massa fomentaram a contracultura? Por quê?

César Carvalho - Os meios de comunicação de massa foram importantíssimos na formação do movimento contracultural. Primeiro, ajudaram a disseminar as ideias que se construía entre os jovens contraculturais. Um simples exemplo esclarece bem a importância dos meios de comunicação. Allen Ginsberg, num depoimento dado nos anos 1980 para uma cineasta, é bastante taxativo. Não vou, aqui, conseguir reproduzir o texto literalmente, cito de memória. Diz Ginsberg, “nós éramos jovens que queríamos curtir nossas vidas, escrever poesias, viajar, não tínhamos nenhuma intenção de sermos conhecidos. Depois que nossas atividades foram veiculadas pela imprensa, tornamo-nos conhecidos e ganhamos seguidores. Não queríamos nada disso”.

Qual é, então, o papel dos *media*? Exatamente esse: ao divulgar uma notícia, um fato, alguns de seus receptores se identificam com os valores expressos naquela matéria e a propagam por outras formas. Estes valores podem

ganhar adeptos e formar-se, assim, um mercado de ideias que, muitas vezes, como foi o caso da contracultura, produzir acontecimentos.

Mas os *media* não tem esse poder de fogo se as circunstâncias históricas não forem propícias. No caso do depoimento de Ginsberg, o momento histórico era propício. Numa sociedade americana extremamente inflexível, com valores morais conservadores, uma sociedade, enfim, disciplinadora, ler notícias sobre jovens que vivem de forma diferente, que contestam o regime, leva outros jovens a se identificarem com aqueles valores que, por sua vez, serão assimilados, propagados e podem, assim, ajudar a gerar um movimento da importância que foi o movimento contracultural. Por esta razão, que muitos historiados hoje colocam os *media* como elementos importantes da própria natureza da história. Em outras palavras, é impossível falarmos hoje em história desconsiderando o papel dos *media*.

IHU On-Line - E hoje, qual é a relação da mídia com essa cultura alternativa?

César Carvalho - Sua pergunta pressupõe que eu acredite que hoje tenhamos uma cultura alternativa. Mas, a esta altura, acredito, está claro que não há essa possibilidade. Não se pode, hoje, falar em cultura alternativa, pelas razões explicadas anteriormente.

IHU On-Line - Que experiências pessoais o ligam à contracultura?

César Carvalho - Meus primeiros contatos com a contracultura foram, como a de muitos outros, pelo viés da literatura e da música. Estávamos nos anos 1960 e as informações sobre o movimento hippie chamavam muito a minha atenção. Mas era uma coisa muito distante. Por outro lado, os Beatles, The Doors, os teatros experimentais, as músicas dos Novos Baianos, que então despontavam, chamavam a atenção para questões comportamentais, valores filosóficos diferentes. Mas tudo encarado mais como forma poética, do que modo ou estilo de vida. Nessa época era adolescente. Não tinha a menor ideia de seu significado social, político, ético, nada!

Depois, adulto e professor de So-

ciologia, comecei a defrontar-me com questões bastante angustiantes e que tinham a ver com a questão da veracidade do conhecimento. Angustiava-me o fato de que toda a construção de um pensamento científico baseava-se em pressupostos, tal como os religiosos, a-priorísticos. No caso do pensamento científico, de uma lógica centrada na racionalidade. Todos os meus trabalhos acadêmicos estavam focalizados nesse dilema angustiante: ciência é igual à razão. Como sair dele?

Não me lembrava das antigas informações sobre hippies e contracultura. O tropicalismo deixou sua marca, as poesias undergrounds dos anos 1970, idem. Mas era uma herança literária, poética. Não alcançava suas consequências.

IHU On-Line - Como chegou a esse tema de pesquisa? Que aspectos o interessaram?

César Carvalho - Até que no final dos anos 1970 os *media* começam a publicar notícias de jovens que, além de profetizar o fim do mundo, dirigiam-se a pontos distantes como forma de contribuir para a preservação ambiental e fugir das catástrofes ecológicas. As notícias, de certa forma, mostravam existir um *continuum* entre estes jovens e aqueles, dos anos 1960. Ao mesmo tempo, o Brasil vive um *boom* literário beatnik: Jack Kerouac, Allen Ginsberg, Burroughs, entre outros, são publicados em português.

Neste momento, eu já estava fisgado pela consciência ecológica. Vivendo numa chácara, praticava agricultura natural, evitava, como evito até hoje, o uso de medicamentos. Enfim, meus valores eram bastante próximos dos valores contraculturais. Assim, as respostas às minhas angústias acadêmicas começavam a fazer sentido. E, finalmente, veio a pergunta decisiva que me levou a viajar 16 mil km numa moto, visitando e conversando com o pessoal alternativo: se esse pessoal busca um novo estilo de vida, baseado numa percepção de mundo que não é só a lógica instituída, então, talvez, posso encontrar junto a eles as respostas que pretendo para repensar a produção do conhecimento científico? Ou não? Só tinha um jeito de saber: sair a campo. E foi o que fiz.

Padre Cícero: o santo dos nordestinos pobres

Antônio Braga faz uma análise da trajetória do Padre Cícero Romão Batista, para compreender como ele tornou um dos maiores santos de devoção popular no Brasil

POR GRAZIELA WOLFART | FOTO DIVULGAÇÃO

Antônio Braga é autor do livro *Padre Cícero. Sociologia de um padre, antropologia de um santo* (Bauru: Edusc, 2008). A obra é fruto da pesquisa que ele realizou para a elaboração de sua tese de doutorado em Antropologia Social, defendida em 2007 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Na entrevista que segue, concedida por e-mail para a IHU On-Line, ele fala sobre o Padre Cícero que “descobriu” em seu trabalho. Para ele, “uma boa questão é procurarmos entender por que alguém como Padre Cícero foi capaz de atrair tantas pessoas pertencentes aos segmentos mais pobres e marginalizados da sociedade em torno de si, ou de que forma ele se converteu num santo para essas pessoas”. Antônio Braga atribui parte da força de liderança de Padre Cícero à atuação de seus devotos, ou romeiros, como são chamados. E explica: “Eram os próprios romeiros que legitimavam a autoridade religiosa e moral do Padre Cícero. Eram eles os sustentáculos da autoridade política, social e econômica do sacerdote. Se estabeleceu entre Padre Cícero e seus romeiros um vínculo, uma relação de dom e contra-dom que nem a morte do Padrinho Cícero foi capaz de romper”.

Antônio Mendes da Costa Braga possui graduação em Ciências Sociais e mestrado em Sociologia, pela Universidade de São Paulo (USP), e doutorado em Antropologia Social, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Tem experiência nas áreas de Antropologia e Sociologia, com ênfase em Ensino e Pesquisa, atuando principalmente nos seguintes temas: cultura popular, religiosidade popular, catolicismo, consumo religioso, devoção popular. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Em sua tese de doutorado, que virou o livro *Padre Cícero: sociologia de um Padre, antropologia de um santo*, qual é o padre Cícero que você descreve?

Antônio Braga - Podemos considerar que o livro aborda o Padre Cícero Romão Batista¹ sob duas perspecti-

¹ Cícero Romão Batista (1844-1934): foi um sacerdote católico brasileiro. Na devoção popular, é conhecido como Padre Cícero ou Padim Ciço. Carismático, obteve grande prestígio e influência sobre a vida social,

política e religiosa do Ceará e da Região Nordeste do Brasil. Foi o primeiro prefeito de Juazeiro, em 1911, quando o povoado foi elevado à cidade. Voltou ao poder, em 1914, quando o governador Marcos Rabelo foi deposto. No final da década de 1920, Padre Cícero começou a perder a sua força política, que praticamente acabou depois da Revolução de 1930. Seu prestígio como santo milagreiro, porém, aumentaria cada vez, principalmente depois do considerado milagre que realizou no ano de 1889, há 120 anos. Durante uma missa celebrada pelo Padre Cícero, a hóstia ministrada pelo sacerdote à beata Maria de Araújo se transformou em



vas, relacionadas com o título que dei à obra. Na primeira, que corresponde ao primeiro momento do livro, eu procuro compreender quem foi o Padre Cícero Romão Batista no contexto cultural, histórico, social e religioso em que se tornou um padre e, depois, uma grande liderança, principalmente religiosa. Procuro fazer ali o que pode ser denominado de análise de trajetória. Procurei demonstrar que Padre Cícero foi, em grande medida, um típico sacerdote formado no século XIX. Diria até que ele foi um caso bem-sucedido de sacerdócio no contexto eclesiástico católico daquele século, e mais ainda no Ceará da segunda metade do século XIX. Era um Ceará que vinha sofrendo uma profunda reforma eclesiástica, a chamada romanização do catolicismo brasileiro. E Padre Cícero foi, no meu entender, e em certa medida, um sacerdote romanizado, um padre que tinha muitas das qualidades que os líderes do processo de romanização – membros do episcopado – esperavam de um sacerdote que estava posicionado nas linhas de frente desse empreendimento eclesiástico.

Um sacerdote romanizado em litígio com o poder eclesiástico

É paradoxal que esse Padre Cícero, que aponto como um caso bem-sucedido de sacerdote romanizado, tenha morrido com suas ordens sacerdotais suspensas e em litígio com o poder eclesiástico local. De sacerdote virtuoso ele passou a ser um problema para esse poder, especificamente no Nordeste brasileiro. Então fica a pergunta: como isso é possível?

Defendo, como Ralph Della Cava² e alguns outros autores, que a vida de Padre Cícero mudou a partir de um milagre ocorrido em Juazeiro do Norte, no Ceará, em 1889. Foi o chamado Milagre da Hóstia, protagonizado por

uma jovem beata, negra e pobre, chamada Maria de Araujo. Padre Cícero fora o coprotagonista desse milagre, que teve profundas consequências para sua vida, a da beata e do próprio Juazeiro. E é a partir deste evento – porque eu o vejo como paradigmático para sua vida – que procuro apresentar, ou melhor, compreender Padre Cícero, analisando o processo que o tornou um dos maiores santos de devoção popular no Brasil. Daí por que falo numa antropologia de um santo. E o caso de Padre Cícero traz muitos privilégios enquanto objeto de estudo. O principal é que ele se tornou um santo para seus devotos não necessariamente através ou a partir dos altares. O processo através do qual ele vai se convertendo em santo para muitos de seus devotos ocorreu principalmente durante sua vida, logo após o milagre. Temos aí a oportunidade de compreender como vai se dando o processo através do qual um indivíduo vai se tornando uma importante liderança, notadamente religiosa, a ponto de, já em vida, ganhar status de santo para muitos. No entanto, é também importante frisar que, para os devotos do Padre Cícero – denominados romeiros –, ele é, antes de tudo, o “Padrinho Cícero”. Eles não costumam falar em Santo Cícero.

IHU On-Line - Como entender tamanha devoção popular no Brasil por Padre Cícero?

Antônio Braga - Posso apontar alguns aspectos que dão ao caso do Padre Cícero tamanha força e – em certa medida – especificidade. Um deles é o fato de que os seus devotos são como que coprotagonistas de sua história de santidade. São sujeitos e agentes. Sem seus romeiros, Padre Cícero não teria se tornado santo. E sem eles a devoção não teria se mantido nem se desenvolvido após sua morte, em 1934. E essa é uma devoção que passa de mãe para filho, de pai para filho, de avô e avô para netos. E nessa história tem sempre um avô, bisavô, e assim por diante, que conheceu o Padre Cícero em vida, que era romeiro do Padrinho Cícero enquanto ele ainda era vivo. Então, os devotos estão falando e vivenciando

uma devoção que também tem relação com suas próprias histórias, com a história de todo um vasto grupo de indivíduos que se encontram em torno da força identitária de serem afilhados do Padrinho Cícero. Agora, como todo o santo que se preze, ele é santo porque – para seus devotos – também faz milagres e intervém junto a Deus. Em suma, como todo santo de devoção popular, ele é uma força atuante, presente na vida daquele que crê e que – em sua perspectiva – se faz presente quando chamado a ajudar.

IHU On-Line - Quais são os principais debates provocados pela figura dele dentro da Igreja Católica e no meio acadêmico brasileiro?

Antônio Braga - No meio acadêmico, Padre Cícero e o fenômeno religioso do Juazeiro já foram objeto de um número respeitável de estudos, muitos de grande qualidade. Agora, dentro da Igreja Católica, em um catolicismo mais oficial e eclesiástico, ele suscita muitas polêmicas. Se bem que é possível perceber que estamos diante de um claro processo de superação de muitas delas. E afirmo isto porque percebo que cada vez mais a devoção ao Padre Cícero é aceita por agentes de um catolicismo mais oficial, por um número cada vez maior de padres e bispos. Talvez de um santo popular outsider, cuja devoção se dava de forma um tanto quanto marginal em relação a um catolicismo mais oficial, o santo Padre Cícero esteja pouco a pouco se aproximando dos cânones através do qual a Igreja Católica reconhece oficialmente seus santos. Pensar num processo de canonização do Padre Cícero tornou-se algo possível.

A questão da obediência

De certa forma, todos os debates em torno do Padre Cícero, dentro da Igreja, tem alguma relação com o problema da obediência. Todos os debates internos e que dizem respeito ao Padre Cícero – Ele era ou não um sacerdote virtuoso? Era ou não um homem santo? Era ou não demasiadamente um homem da política? – tendem e tenderão a serem relativizados quando esta

sangue na boca da religiosa. Segundo relatos, tal fenômeno se repetiu diversas vezes durante cerca de dois anos. Em 1977, foi canonizado pela Igreja Católica Apostólica Brasileira. (Nota da IHU On-Line)

² Ralph Della Cava: historiador norte-americano, professor na Universidade de Columbia (Estados Unidos), e autor do livro *Milagre em Joazeiro* (Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1976). (Nota da IHU On-Line)

questão da obediência for mais bem compreendida e equacionada. Agora, se tudo isto está acontecendo, é mérito, em uma grande medida, dos devotos do Padre Cícero, de seus romeiros. Foram eles e ainda são, mesmo com todas as objeções e desconfiças em relação a esta sua fé, que mantiveram e mantêm a devoção ao Padre Cícero como um dos maiores e mais relevante casos de devoção popular no Brasil.

IHU On-Line - Quais as características dos romeiros de Padrinho Cícero?

Antônio Braga - Se fôssemos definir a maioria dos romeiros do Padre Cícero em três palavras seria: nordestinos, pobres, perseverantes. Padre Cícero é, dentre outras coisas, um santo dos nordestinos pobres. É impressionante como são muitos, até milhares, o número de nordestinos pertencentes às camadas sociais mais pobres do Nordeste que se identificam com o Padrinho Cícero. Uma boa questão é procurarmos entender por que alguém como Padre Cícero foi capaz de atrair tantas pessoas pertencentes aos segmentos mais pobres e marginalizados da sociedade em torno de si, ou de que forma ele se converteu num santo para essas pessoas.

IHU On-Line - Que elementos fizeram de Padre Cícero um fenômeno social, político e religioso?

Antônio Braga - Boa parte desses elementos estão dispersos nas várias décadas através das quais Padre Cícero, ainda em vida, foi construindo um determinado tipo de relacionamento com os romeiros. Um relacionamento sustentado numa perspectiva religiosa, mas que abrangia também relações do tipo social, econômica e política. Padre Cícero, por exemplo, exercia uma autoridade religiosa sobre os romeiros. Mas também era um provedor nos casos de necessidades materiais e políticas. Em contrapartida, eram os próprios romeiros que legitimavam a autoridade religiosa e moral do Padre Cícero. Eram eles os sustentáculos da autoridade política, social e econômica do sacerdote. Se estabeleceu entre Padre Cícero e seus romeiros um vínculo, uma relação de dom e contra-dom que nem a morte do Padrinho Cícero foi capaz de romper.

Artigo da Semana

Bonjour, limites!

Recebemos e publicamos, a seguir, um artigo inédito, enviado, especialmente à IHU On-Line, pela socióloga Lucia Ribeiro. Ela introduz o texto agradecendo a sugestão do título à Leticia Cotrim, lembrando “*Bonjour, tristesse*” de Françoise Sagan, que “fez sucesso em nossa juventude, nos idos de 50”, como ela escreve. Lucia Ribeiro é doutora em Sociologia, pela Universidade do México. É também assessora de movimentos sociais, particularmente vinculada às CEBs e autora de *Entre (in)certezas e contradições: práticas reprodutivas entre mulheres das Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica* (Rio de Janeiro: NAU, 1997) e *Sexualidade e reprodução: o que os padres dizem e o que deixam de dizer* (Petrópolis: Vozes, 2001). Em parceria com Leonardo Boff, escreveu o livro *Masculino/Feminino: experiências vividas* (Rio de Janeiro: Record, 2007).

Partilhando uma experiência de limites, com os amigos e amigas que também a vivenciam.

Vivenciar os limites faz parte do aprendizado humano. Às vezes este processo vai se intensificando, progressivamente, ao longo dos anos. Outras vezes, se radicaliza nada mais que de repente, quando sucede o imprevisto. Foi o meu caso: uma freada brusca, um tombo no ônibus, e, em consequência, traumatismo craniano e a visão dupla, com a qual venho convivendo, semanas a fio...

Uma experiência assim é sempre extremamente exigente, e coloca múltiplos desafios.

O primeiro deles é a própria aceitação da nova condição, sobretudo quando esta irrompe inesperadamente, revirando a vida e alterando todo o cotidiano. Inevitavelmente, a aceitação externa se impõe, sem discussão possível. Mas há sempre os graus da liberdade interior, que permite – pelo menos! – escolher as diversas alternativas: revolta, inconformismo, submissão passiva ou aceitação consciente diante do inevitável (não necessariamente nessa ordem nem definidas de forma absoluta e exclusiva). O desafio é permanente e cada dia precisa ser

(re)conquistado. Condição básica sempre é uma enorme capacidade de paciência, já que os processos de recuperação são extremamente lentos e tudo precisa ser feito com muita calma...

Ligado a este, está o dilema da acomodação versus a autonomia possível. Em um primeiro momento, esta última parece esfumar-se por todos os lados. Ver-se, de uma hora para outra, presa a uma cama de hospital, às voltas com o choque, a dor, e ligada – muito concretamente – ao inevitável tubo do soro, é suficiente para imobilizar qualquer um...

Mas as vivências não são simples nem unívocas: brota, ao mesmo tempo e paradoxalmente, uma dimensão de alívio: nos vemos “absolvidas” de toda e qualquer responsabilidade ou obrigação – e isto para pessoas ativas, permanentemente (pré)ocupadas com múltiplos compromissos, pode significar, no primeiro momento, uma trégua bem-vinda, que nos devolve a nós mesmos/as, podendo agora dedicar-nos exclusivamente ao cuidado do próprio corpo, sem tempo marcado e sem culpa.

Hélas! Tal tarefa adquire imediatamente novas dimensões: somando-se aos cuidados considerados “normais” (ginástica, alimentação, repouso) mul-

tiplicam-se as terapias de todo tipo, os horários dos remédios, os exames, as consultas médicas... E, para responder às novas solicitações, descobrimos que a energia — tanto física quanto psíquica e emocional — baixa espantosamente, obrigando a paradas frequentes. As limitações surgem de todo lado, para caminhar, para se locomover, para assumir o cotidiano em suas menores dimensões.

A dependência se faz presente e entregar-se totalmente a ela ou, pelo contrário, tentar identificar graus de autonomia possível é um desafio constante. Até porque a situação é sempre mutável e a autonomia é uma conquista permanente, baseada em um princípio básico: descobrir a cada momento tudo o que se pode fazer por si mesmo/a — “all by myself” — e não abrir mão de nenhuma das próprias capacidades, ainda que mínimas.

Há que reconhecer, entretanto, que certas coisas já não podemos mesmo fazer. Surge, então, o desafio de aceitar ser cuidados/as ou mesmo — mais complicado ainda! — expressar as próprias necessidades e saber pedir o que se precisa. Isto é tanto mais difícil quanto mais nos encontramos em uma situação de fragilidade: esta costuma trazer uma hiper-sensibilidade a tudo que possa nos afetar, positiva ou — sobretudo! — negativamente. As exigências — objetivas e subjetivas — podem se multiplicar e nem sempre os/as outros/as conseguem responder a elas adequadamente.

Nestes casos, a mágoa ou mesmo o ressentimento podem se infiltrar (nem tão) subrepticamente. Aqui, é importante saber distinguir os diversos tipos: se algumas mágoas são total ou parcialmente justificadas, outras podem ser resultado de exigências excessivas não correspondidas. Talvez a melhor forma de administrar esta realidade seja, sem negá-la diretamente, fazer interiormente um trabalho para minimizá-la. E não permitir que o coração se transforme em um copo repleto de mágoa, porque então, como já nos prevenia Chico Buarque “qualquer desatenção — faça não! — pode ser a gota d’água”...

Finalmente, apresenta-se o desafio da solidão. Porque, em alguns momentos, esta é inevitável. É verdade que, às vezes, pode até ser bem-vinda; o cansaço e a exaustão podem limitar ou mesmo cortar as possibilidades de diálogo

com o/a outro/a: tudo o que se quer mesmo é estar tranquilo/a sozinho/a e poder descansar... Em outros momentos, entretanto, há que conviver com a ausência, mesmo indesejada. E saber encontrar-se consigo mesmo/a, sem angústia nem tristeza, em paz, é também uma conquista. E uma oportunidade para crescer interiormente.

Para os que cultivam a espiritualidade, abrem-se possibilidades únicas, que podem ser trilhadas, com maior ou menor facilidade. Porque, naturalmente, os obstáculos estão sempre presentes: as carências e a falta de energia podem dificultar a capacidade de concentração. E aqui o esforço e a disciplina — palavra que a gente odiava tanto! — são indispensáveis.

Aliás, não só nesta área: as menores decisões, nestes períodos de compromissos externos reduzidos, exigem força de vontade e a capacidade de saber administrar nosso tempo e nossas atividades; afinal, em última análise, somos nós mesmos os principais responsáveis por todo o ritmo da vida.

Isso não significa adotar uma posição de rigidez ou de excessivas exigências; porque o esforço cotidiano, às vezes, é sumamente cansativo. Paulo José¹ — que tem uma longa experiência nesse campo, enfrentando corajosamente o mal de Parkinson há mais de 15 anos — afirmava, em uma de suas últimas entrevistas, que há que manter uma séria disciplina pessoal, em termos de tratamentos e terapias, mas ao mesmo tempo reconhecia que “há momentos que isto cansa, e a gente tem vontade de chutar o pau da barraca...” Nesta hora, segundo ele, é preciso conseguir um espaço de negociação consigo mesmo/a e distinguir o que é — e o que não é — possível conceder-se.

Ou seja, em última análise, o suporte básico com o qual se pode contar, nesta

¹ Paulo José Gómez de Sousa (1937): ator e diretor brasileiro. Começou a fazer teatro em 1955 em Porto Alegre, onde ajudou a criar o Teatro de Equipe. Já no Rio de Janeiro, Paulo José formou, junto com Gianfrancesco Guarnieri, Augusto Boal, Juca de Oliveira, Paulo Cotrim e Flávio Império, o grupo que adquiriu o Teatro de Arena criado por José Renato, em 1962. Além de ser um dos mais ativos e talentosos atores brasileiros dos últimos 50 anos, com presença destacada no cinema, teatro e televisão, e de ter dirigido vários espetáculos de teatro, também é diretor de televisão, com trabalhos marcantes como as minisséries *O tempo e o vento* (1985), *Agosto* (1993) e *Incidente em Antares* (1994). (Nota da IHU On-Line)

hora, está em nós mesmos: em nossa força interior e — para os que creem — na Presença misteriosa que nos habita.

Mas — felizmente! — há também muitos outros apoios que se apresentam e que há que descobrir.

Sem dúvida, a presença das pessoas queridas é absolutamente fundamental. Para quem partilha a vida com um companheiro/a, este é o apoio principal. No meu caso, poder contar com este cuidado constante e incansável foi um dom inestimável.

Junto, estão a família e os amigos/as, desde os mais próximos, dividindo o cotidiano concreto — incluindo as secretárias e “cuidadoras” — até os que aparecem providencialmente. Cultivar, incentivar — e saber agradecer! — esta presença e este carinho é uma atitude básica. Cria-se assim uma rede de energia, que fortalece a dimensão da cura.

Mas há também os contactos virtuais: a internet, nestes momentos, joga um papel insubstituível (sempre que a vista esteja minimamente em condições!). E há os livros, a música, os jogos.

Outro elemento importante é retomar, na medida das possibilidades, a vida “normal” e não se colocar em uma posição marginal. Aí, para os/as que têm no trabalho profissional um eixo central da vida, reassumi-lo — mesmo que de forma inevitavelmente limitada — joga um papel central.

Enfim, cada um/a vai administrando o cotidiano a seu modo. Mas talvez o mais importante seja estar abertos/as a tudo de bom que vai acontecendo cada dia, de forma às vezes imprevista, e que pode mudar — se não nossa condição objetiva — pelo menos nosso astral para vivenciar os limites...

LEIA MAIS...

>> Lucia Ribeiro já deu outras contribuições à IHU On-Line. Confira o material na nossa página eletrônica (www.unisinos.br/ihu)

* *A situação dos migrantes brasileiros em Atlanta*. Artigo publicado nas *Notícias do Dia*, de 18-11-2008;

* *Em defesa da vida: a Igreja e a questão do aborto*. Entrevista publicada nas *Notícias do Dia*, de 06-03-2008;

* *A interrupção voluntária da gravidez: questões em aberto no interior da Igreja Católica*. Entrevista publicada nos *Cadernos IHU em formação*, número 25, de 18-04-2008, intitulado *Aborto. Interfaces históricas, sociológicas, jurídicas, éticas e as consequências físicas e psicológicas para a mulher*.

Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) de 14-04-2009 a 18-04-2009.

Neopentecostais e religiões afro-brasileiras. Uma guerra instituída?

Entrevista com Wagner Gonçalves da Silva
Confira nas Notícias do Dia 14-04-2009

Impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro é o tema de um livro recentemente publicado. Trata-se de intolerância religiosa? Estudiosos de diversas instituições analisam algumas das facetas dessa realidade complexa.

Minha casa minha vida. O novo Plano Habitacional
Entrevista com Nirce Saffer Medvedovski
Confira nas Notícias do Dia 15-04-2009

O programa lançado recentemente pelo governo federal que planeja construir um milhão de casas para as classes baixas e viabilizar financiamentos habitacionais para a classe média é analisado pela professora da Universidade Federal de Pelotas. Segundo ela, o programa é bom, mas preocupa o fato de grande parte dele estar nas mãos da iniciativa privada.

Cooperativismo de crédito

Entrevista com Édio Spier
Confira nas Notícias do Dia 16-04-2009

Ao analisar o cooperativismo de crédito no Brasil, o presidente da Sicredi Pioneira, a 5ª maior cooperativa de crédito do país diz que, “mesmo na conjuntura atual, onde impera o capitalismo neoliberal voraz, o cooperativismo de crédito cresce e se fortalece cada vez mais”.

Muros nas favelas do RJ. Segregação, apartação, divisão?
Entrevista com Ignácio Cano

Confira nas Notícias do Dia 17-04-2009
Os muros que estão sendo construídos em torno das favelas da Zona Sul do Rio de Janeiro suscitam um amplo debate. “Qual é a lógica por detrás disso”, pergunta o sociólogo.

A cultura da violência contra a mulher
Entrevista com Ângela Maria Pereira da Silva
Confira nas Notícias do Dia 18-04-2009

Para a assistente social, é preciso ainda levar mais informação sobre os direitos das mulheres para as comunidades, pois só assim a violência contra elas tem condições culturais de ser minimizada e, a longo prazo, erradicada.

Leia as Notícias
do Dia em
www.unisinos.br/ihu



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

Evento da Semana

Liderança e gestão de grupos no IHU Ideias

Para Patrícia Fagundes, é na multiplicidade de relacionamentos tecidos em rede que se constrói o sentido da liderança numa organização

POR GRAZIELA WOLFART

Na próxima quinta-feira, dia 23 de abril, a professora Patrícia Fagundes apresentará o tema “Compreensão do desenvolvimento de competências coletivas de liderança e de gestão no processo grupal, à luz do paradigma sistêmico-complexo”, durante mais uma edição do IHU Ideias. E, para adiantar aspectos do assunto que tratará no evento, ela concedeu a entrevista que segue, por e-mail para a IHU On-Line, na qual declara que “o líder é um indivíduo diferente dos liderados, que são iguais entre si, e que ocupa um lugar legitimado e com maior poder conferido pela estrutura hierárquica da organização”. Patrícia falará ao lado de seu orientador no doutorado, o Prof. Dr. Nédio Seminotti.

Graduada em Psicologia pela Unisinos, mestre em Administração de Empresas e doutora em Psicologia pela PUCRS, Patrícia Fagundes é professora na Unisinos e professora visitante em MBAs de diversas universidades. Tem experiência nas áreas de Psicologia do Trabalho e Recursos Humanos, atuando em consultoria nas áreas: desenvolvimento gerencial e de equipes, comportamento organizacional e gestão de pessoas. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual a ideia central do tema “compreensão do desenvolvimento de competências coletivas de liderança e de gestão no processo grupal, à luz do paradigma sistêmico-complexo”?

Patrícia Fagundes - O investimento em Programas de Desenvolvimento Gerencial ou Desenvolvimento de Lideranças costuma ser uma realidade nas empresas que possuem um mínimo de estratégia em Gestão de Pessoas. No entanto, é possível verificar que, muito embora as ações de desenvolvimento sejam realizadas para grupos de líderes, ou gestores, o foco dos processos de aprendizagem está em ampliar as competências dos indivíduos, e não em potencializar as competências de liderança, ou gestão, como uma construção coletiva. Isto é: tais competências são tratadas com demasiado foco nas competências dos indivíduos que estão atuando como líderes, ou gestores, enquanto que, na prática do cotidiano organizacional grande parte

dos problemas de gestão está associada a: a) incongruências nos critérios de processos decisórios que envolvem diferentes níveis hierárquicos; b) deficiência de comunicação entre pares que ocupam a liderança em áreas/setores interdependentes; c) competições (explícitas ou veladas), entre os próprios gestores e líderes, na busca de ampliação de poderes formal ou informal, impactando negativamente na visão do sistema organizacional. Ao longo dos tempos, foi sedimentado o caráter individual e até mesmo heróico da liderança, ao ponto de, frequentemente, as palavras líder e liderança serem tomadas como sinônimos. Mas se, por um lado, a figura do “líder-herói” respondeu às demandas sociais de ordem e controle no paradigma mecanicista-cartesiano, por outro lado, é notório que o paradigma sistêmico-complexo atravessa a realidade atual, explicitando as relações entre ordem e desordem, certezas e incertezas, controle e autoorganização presentes nas

relações entre atores humanos e não humanos no contemporâneo. Levar em conta a complexidade nas relações do mundo do trabalho é questionar a perspectiva radial da liderança. Se admitirmos que a construção de redes sociais é fundamental para a sustentabilidade das organizações hoje, não há como mantermos o legado do líder-herói. Isso não significa desconsiderar a dimensão individual da liderança, mas sim ampliar a complexidade da questão, considerando que a “parte indivíduo-líder” é produto e produtor numa rede que é, também, produto das interações e produtora de novos sujeitos, subjetividades e intersubjetividades. E é na multiplicidade de relacionamentos, que são tecidos nessa rede, que se constrói o significado, o sentido da liderança numa organização.

IHU On-Line - O que podemos entender por “dimensão coletiva da liderança”?

Patrícia Fagundes - Competência coleti-

va de liderança e de gestão é um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes emergentes num grupo de líderes ou gestores, em um determinado contexto organizacional. Esse conjunto possibilita obter um resultado diferenciado no processo de trabalho que desenvolvem, como, por exemplo, a forma como tomam decisões, o quanto suas ações gerenciais se alinham às estratégias da organização etc. A competência coletiva, embora tenha como uma importante origem a articulação das competências individuais do grupo, não está restrita a elas; fundamentalmente, é a expressão da interdependência e da sinergia entre as partes do todo e o todo das partes. Tendo em vista que essa noção de liderança como competência coletiva não se instala a despeito de um contexto, fica evidente que não se trata de “somar” os atributos de competência dos líderes de uma organização para qualificá-la; trata-se de um processo sistêmico, no qual os sentidos são construídos pelas conexões estabelecidas entre seus atores, humanos e não-humanos, dentro de um cenário que dê sentido às ações coletivas e as valide.

IHU On-Line - O que caracteriza a relação de interdependência entre os que fazem parte da liderança?

Patrícia Fagundes - A liderança, como competência coletiva, demanda a interdependência de competências em uma dimensão individual, que está associada ao perfil dos líderes, e a uma dimensão coletiva, que emerge das relações estabelecidas entre todos esses líderes, que integram a rede de liderança num determinado contexto organizacional. Fica evidenciada, portanto, a necessidade do estabelecimento de redes de cooperação entre líderes, na gestão organizacional nos diferentes níveis hierárquicos: operacional, tático e estratégico. A liderança, como uma competência coletiva, emerge, portanto, das interações e conexões produzidas entre atores humanos e não-humanos vividos no contexto organizacional. O imprescindível é que a competência de liderança não seja visualizada apenas nos “nós”, e sim esteja visível nos fios que os interconectam para, de fato, ser uma construção tecida nas relações sociais e de poder que singularizam cada organização.

IHU On-Line - Liderança não é, portanto, apenas uma qualidade que a priori certas pessoas têm e que pode ser mensurada? A capacidade de liderar depende do quê?

Patrícia Fagundes - Ao analisarmos as quatro abordagens teóricas clássicas sobre liderança, podemos observar que todas convergem quanto a um pressuposto de liderança: o líder é um indivíduo diferente dos liderados, que são iguais entre si, e que ocupa um lugar legitimado e com maior poder conferido pela estrutura hierárquica da organização. As diferenças entre tais abordagens centram-se na forma como esse líder se apropriará do lugar de poder, qual característica de comportamento deverá privilegiar para seu desenvolvimento e de que forma irá envolver seus liderados. Resguardadas as variações, em relação à ênfase na relação entre líder e liderados, a maior ou menor amplitude na consideração aos aspectos contingenciais, há, unanimemente, um pressuposto radial dominante na compreensão da liderança. É necessário, portanto, a discussão dos pressupostos filosóficos, sociológicos, psicológicos que tendem a colocar na centralidade do tema liderança o indivíduo-líder, mesmo quando considera os liderados e a situação que os envolve. Nossa proposta, ao sublinhar essa perspectiva coletiva do exercício da liderança, é de compreendê-la de forma processual, contextual e epistêmica, sobretudo ao situá-la no ambiente intra-organizacional. Nesse ambiente, por mais que haja um lugar de poder hierárquico superior a todos, como por exemplo, de um presidente, facilmente verificamos um conjunto de indivíduos-líderes, com maior ou menor poder outorgado que, no exercício de seus ofícios, inevitavelmente tecem uma rede interdependente por onde a liderança se consolida como produto e processo coletivo. Ou seja, a capacidade de liderar depende do contexto na qual é exercida e das inter-relações que se estabelecem, não apenas entre líder e liderados, mas entre todos os atores que interagem na organização e compartilham a sua cultura, o planejamento estratégico da empresa e demais fatores organizacionais e sociais que permeiam esse

cenário: líder-liderados, liderados-liderados, líder-líderes (pares e superiores hierárquicos). É nesse movimento de interações entre os atores que tecem a rede organizacional, que a liderança produz e é produzida. Portanto, embora as qualidades do indivíduo-líder seja uma das variáveis que atravessa a relação de liderança, não é a única ou a determinante neste processo de inter-relação.

IHU On-Line - Quais as principais possibilidades e os desafios do desenvolvimento de competências coletivas de gestão, a partir da intervenção nos processos grupais?

Patrícia Fagundes - É senso comum que as capacitações dirigidas a líderes e gestores enfatizem a importância de fatores como: trabalho em equipe, relações interpessoais, visão sistêmica, compartilhamento de poder, disponibilidade para a aprendizagem contínua etc. Porém, a abordagem desses temas se sustenta na discussão de situações em que o líder deve conduzir/facilitar/aplicar esses conhecimentos junto ao seu grupo de liderados. O processo grupal é tomado como um método de transformação de seus participantes, onde o movimento constante de perceber o outro, de diferenciar-se e confundir-se na relação com os semelhantes, de falar ou calar, utilizando-se de toda e qualquer linguagem como forma de expressão, permite o crescimento dos indivíduos e da coletividade na qual interagem. Por outro lado, os desafios na construção de competências coletivas de gestão são grandes, pois, a despeito da modernização dos discursos já mencionados, ainda se verifica, na prática organizacional cotidiana, os resquícios, e em alguns casos a predominância, de modelos de gestão organizacional mecanicistas, lineares, hierarquizados; a dificuldade de estabelecer relações de interdependência (“rede”) entre níveis hierárquicos diferentes, pois a cultura de não-compartilhamento de poder ainda vigora; e que, embora o conceito de “equipe” seja amplamente difundido e valorizado nas organizações, percebe-se que ele é aplicado apenas para designar relações de trabalho em grupos de liderados – e não entre líderes.

IHU Repórter

Robert Thieme

POR PATRICIA FACHIN | FOTOS PATRICIA FACHIN | ARQUIVO PESSOAL

Mergulhado no mundo das artes e da cultura, Robert Thieme está sempre em busca do inusitado. Dinâmico, o jovem publicitário gosta de produções independentes e adora navegar no universo do YouTube, em busca de vídeos que estão fora do circuito. Nesta semana, a IHU On-Line foi até a AgexCom, conhecer um pouco dessa história. Confira.

Sou uma pessoa com muitas peculiaridades. Nunca chego “abalando” nos eventos, demoro a me entrosar com as pessoas — tenho um jeito mais reservado de ser —, mas, depois do primeiro contato, se tenho uma afinidade, geralmente construo amizades duradouras.

Tenho 28 anos, nasci em Ivoti e morei lá até concluir o Segundo Grau, no Instituto de Educação Ivoti. Depois, vim morar em São Leopoldo, fui para Montenegro, voltei para o Vale do Sinos e agora moro novamente em Ivoti por opção, pois gosto muito da cidade. Meu pai, Norberto Thieme, é publicitário aposentado, e minha mãe, Marli Thieme, é professora aposentada. Meu irmão mais novo, Edward, trabalha com Design.

Não sou casado, mas tenho uma união estável. Há cinco anos, namoro com a Shaïstha e há três anos estamos morando juntos.

Amor pela arte

Durante a infância, na escola, sempre fui muito incentivado a trabalhar com artes. Tive, desde pequeno, muito contato com diversas formas de expressão como teatro, música, criação.

Acabei então, optando por cursar Publicidade. Meu pai, por trabalhar na área, se sentia um pouco pressionado pelo fato de meu irmão e eu seguirmos a carreira dele. Mas a escolha pelo curso está muito mais relacionada a minha vivência da infância do que ao trabalho do meu pai.

Experiência profissional

Após cursar Magistério no Segundo Grau, fiz estágio na área durante um ano. Enquanto me dedicava a esse estágio, ainda não tinha interesse em ingressar na universidade. Nessa época, fazia parte da equipe de atletismo da escola, e participei, junto com meus colegas, de uma competição na Unisinos. O grupo vencedor ganhava como prêmio inscrições para o vestibular, e minha equipe venceu. Assim, acabei me matriculando no curso de Publicidade.

Quando terminei o estágio de magistério, alguns amigos vieram morar em São Leopoldo e falei para os meus pais que também queria mudar para a cidade. Eles fizeram a seguinte proposta: “Você pode ir, mas nós vamos te sustentar por apenas seis meses. Se nesse tempo você não conseguir um emprego, voltará para casa”.



Então, tive apenas esses meses para arrumar alguma coisa. Meu primeiro trabalho com carteira assinada foi no Hotel Suarez, onde era recepcionista e, por força da função, carregador de malas. Depois de um ano, senti que precisava trabalhar na minha área. Fiz um estágio na agência Alphaville, em Ivoti, durante dois anos. Depois, retornei a São Leopoldo, onde trabalhei no Colégio Sinodal, na área de multimídia. Mais tarde, fui para uma agência na cidade de Montenegro. Lá, fiquei por mais um ano, até que surgiu a oportunidade de trabalhar na universidade. Como sempre tive muita ligação com a área cultural e participava do Coral Unisinos, fui convidado a trabalhar no antigo departamento cultural da universidade: mais especificamente com o arquivo musical e a montagem dos concertos da Orquestra Unisinos. Depois, migrei para o setor acervos e coleções, envolvendo-me com a catalogação de objetos históricos e a organização de alguns dos museus da universidade. Mais tarde, surgiu a oportunidade de trabalhar na AgexCom. Durante todo este tempo, realizei trabalhos na área de comunicação e publicidade, atuando como freelance.

Trabalho na AgexCom

Em agosto de 2008, concluí o curso de Publicidade e Propaganda, e desde janeiro do mesmo ano, trabalho na AgexCom orientando os alunos na produção publicitária, juntamente com o professor Ângelo Cruz, que é o coordenador da área de PP. Como terminei o curso há pouco tempo – depois de nove anos e meio de estudos –, consigo compreender alguns anseios dos estagiários, pois são os mesmos que eu tinha na época de estudante. Então, fica muito mais fácil fazer esse link entre o mundo profissional e o mundo acadêmico. Gosto muito de ser publicitário pelo fato de este não ser um trabalho repetitivo; pelo contrário, sempre aparecem novos desafios. Também gosto de me comunicar com as pessoas, de fazer e receber comunicação. O fato de trabalhar com mais liberdade, inovar e criar coisas novas, me fascina.

Trabalho voluntário

Depois que o departamento cultural da universidade foi fechado, procurei manter a ideia daquele projeto na minha vida pessoal. Procuro desenvolver algumas atividades culturais em Ivoti. Atualmente, sou presidente da Associação de Desenvolvimento Cultural de Ivoti (ADECI). Quando saí da escola, como vivia num mundo fervilhante de cultura e artes, quase entrei em depressão porque percebi que o mundo real não é assim. Eu estava ficando mal com isso, e me perguntei: “Se o mundo não é assim, por que a gente não o faz ser assim?”. Desde aquela época, se as coisas não acontecem, faço acontecer. Para mim, é muito importante estar sempre ligado a algum evento cultural, não só no sentido de ler um livro ou assistir um filme, mas sim de participar.

Lazer

Gosto muito de filmes. Não vou tanto ao cinema – gostaria de ter mais tempo –, mas assisto bastante a DVDs e procuro documentários diferentes no YouTube; prefiro produções que estão fora do circuito.



ROBERT COM
A NAMORADA
SHAÍSTHA

Gosto de ler muito, e entre os livros que li nos últimos tempos cito *Chatô, o rei do Brasil*, de Fernando Morais, que conta a vida de Assis Chateaubriand, fundador dos Diários Associados. Também adoro sair com meus amigos, conversar, fazer churrasco no final de semana. Sou colorado, sócio do Internacional, e sempre que posso vou aos jogos. Em se tratando de música, aprecio blues e essa é uma influência do meu pai. Como ele ouvia, passei boa parte da minha infância acompanhando. Também gosto de música clássica – toquei violino durante cinco anos, na adolescência.

Animais de estimação

Adoro gatos. Desde criança sempre tive vários na minha casa. Hoje, tenho dois e sou muito ligado a eles. Também gosto de cachorros, mas, como passo o dia fora de casa, acabei optando pelos gatos, que são mais independentes.

Vida

Antigamente, as pessoas tinham uma vida pronta ao nascerem: infância, adolescência, casamento, filhos. Tudo era programado. Hoje, a vida é bastante diferente, e, com o dinamismo atual, penso que aquele modelo de vida não cabe mais. Adolescência hoje pode ir até os 40 anos, e as pessoas precisam aprender a lidar com essa constante mudança. Entre minhas preocupações a respeito da vida, questiono a forma como lidamos com os recursos naturais do Planeta. Estamos chegando num ponto em que nossas atitudes podem fazer mal a vida humana, por isso procuro ter atitudes per-

tinentes para manter uma vida mais sustentável.

Sonho

Tenho a pretensão de ter filhos, e constantemente penso como vou lidar com eles, quais ensinamentos vou transmitir. No âmbito profissional, ainda pretendo elaborar um trabalho relacionado a cinema. Também tenho planos de ser professor universitário, e ministrar aulas no curso de Publicidade e Propaganda.

Religião

Fui batizado na Igreja Luterana, mas tenho um lado espiritual independente de religiões.

Política

Na minha adolescência, não gostava de política e pensava em votar sempre em branco. Mas, a partir do momento em que passei a votar, comecei a prestar mais atenção na política. Gosto mais da discussão política do que o “fazer política”, por isso acho que nunca vou me filiar a um determinado partido.

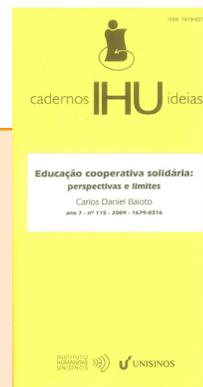
Unisinos

Desde a época da escola, quando participava de atividades na universidade, sempre me senti muito bem no câmpus. Percebo na Unisinos um ambiente favorável para a troca de conhecimento. Receber o convite para trabalhar na Unisinos foi uma das coisas mais importantes que aconteceram na minha vida, porque tenho um afeto pela universidade e gosto de estar colaborando com essa instituição.

Destaques

Educação cooperativa solidária

Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites é o tema da edição nº 115 dos **Cadernos IHU Ideias**, que acaba de ser lançada. Nesta publicação, o autor Carlos Daniel Baioto faz uma análise da saturação do discurso racional moderno, com seus modelos pré-estabelecidos de vida em sociedade, para a legitimação de outras possibilidades de organização mais sustentáveis. Baioto é graduado em História, pela UFSM, e mestre em Ciências Sociais, pela Unisinos. A edição impressa da publicação pode ser adquirida na Livraria Cultural e/ou pelo endereço livrariaculturalsle@terra.com.br. A versão eletrônica estará disponível para *download* a partir do dia 15-05-2009.



Liderança e gestão em grupo

Na próxima quinta-feira, dia 23 de abril, a professora Patrícia Fagundes apresentará o tema “Compreensão do desenvolvimento de competências coletivas de liderança e de gestão no processo grupal, à luz do paradigma sistêmico-complexo”, durante mais uma edição do **IHU Ideias**. E, para adiantar aspectos do assunto que tratará no evento, ela concedeu uma entrevista publicada nesta edição, na qual declara que “o líder é um indivíduo diferente dos liderados, que são iguais entre si, e que ocupa um lugar legitimado e com maior poder conferido pela estrutura hierárquica da organização”. O evento é aberto à comunidade em geral e acontece na sala 1G119 do IHU, das 17h30min às 19h.



Indicadores socioeconômicos e políticas públicas para o Vale dos Sinos

O módulo I do Fórum sobre indicadores socioeconômicos e políticas públicas: realidade e possibilidades para o Vale dos Sinos acontece de 29 de abril a 27 de maio. No dia 29 de abril, data do encontro presencial obrigatório, das 14h às 22h, na Sala 1G119 do IHU, serão discutidos os temas “A evolução histórica dos indicadores sociais no plano internacional e brasileiro”, pelo MS Salvatore Santagada, e “Indicadores socioeconômicos do Vale do Rio dos Sinos – realidades e possibilidades”, pela Profa. MS Gisele Spricigo e pela mestrandia Vanessa Krutzmann. Já a modalidade de Ensino a Distância (EAD) – Plataforma moodle é opcional e se desenvolve de 29 de abril a 27 de maio, quando acontecerá mais um encontro presencial obrigatório, das 14h às 22h, seguido da segunda modalidade de EAD opcional, até o dia 3 de junho. No encontro do dia 27 de maio, o tema “Metodologias dos indicadores socioeconômicos – Agências internacionais e a realidade do Vale do Rio dos Sinos” será levantado pela Profa. Dra. Paraskevi Bessa-Rodrigues, e o tema “Metodologias dos indicadores socioeconômicos – Agência nacional e a realidade do Vale do Rio dos Sinos” será discutido pelo MS Ademir Barbosa Koucher. Já o tema “Metodologias dos indicadores socioeconômicos – Agência estadual e a realidade do Vale do Rio dos Sinos” será apresentado pelo MS Hélios Puig Gonzalez. Mais informações podem ser obtidas em www.unisinos.br/ihu.